

REVISTA LITERÁRIA

ACADEMIA DE LETRAS DO
MINISTÉRIO PÚBLICO DE MINAS GERAIS

ANO 9 - VOLUME 7 - 2024



Ministério Público do Estado de Minas Gerais
ACADEMIA DE LETRAS

REVISTA LITERÁRIA

ACADEMIA DE LETRAS DO
MINISTÉRIO PÚBLICO DE MINAS GERAIS

Fundada em 2014

ANO 9 - VOLUME 7 - 2024



Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não correspondem, necessariamente, à opinião da Revista Literária da ALEMP/MG.

Os artigos publicados são de propriedade da Revista Literária da ALEMP/MG e sua reprodução é permitida somente com autorização dos editores e citação da fonte original.

R454 Revista Literária da Academia de Letras do Ministério Público de Minas Gerais

Ano 9, v. 7, (jan./dez. 2024) - Belo Horizonte, 2024

Anual

ISSN 2446-8177

1. Literatura. 2. Academia de Letras.

CDU 805.05

REVISTA LITERÁRIA | ACADEMIA DE LETRAS MP/MG | ANO 9 | Nº 7 | 2024
Revista Literária da Academia de Letras do Ministério Público de Minas Gerais
Fundada em 2014

DIRETOR

Allender Barreto Lima da Silva

COLABORADORES (AS) NESTA EDIÇÃO

Allender Barreto Lima da Silva, Ana Gabriela Brito Melo Rocha, Antônio Aurélio Santos, Duarte Bernardo Gomes, Luiz Alberto de Almeida Magalhães, Marcos Paulo de Souza Miranda, Marcus Paulo Queiroz Macedo, Monica Sofia Pinto Henriques da Silva, Pablo Gran Cristóforo, Selma Maria Ribeiro Araújo, Shirley Machado de Oliveira, Vinicius Alcântara Galvão.

DIRETORIA DA ALMP/MG

Presidente – Bergson Cardoso Guimarães

Vice-Presidente – Selma Maria Ribeiro Araújo

Secretária-Geral – Mônica Sofia P. H. da Silva

Tesoureiro – Marcos Paulo de S. Miranda

CONSELHO FISCAL

Titulares

Pablo Gran Cristóforo

Antônio Lopes Neto

Roberto Atílio Jávare

Suplentes

Danielle de Guimarães G. Arlé

Sérgio Soares da Silveira

Allender Barreto Lima da Silva

REDAÇÃO

ASSOCIAÇÃO MINEIRA DO MINISTÉRIO PÚBLICO

Rua Timbiras, 2928 – Tel (31) 2105-4878

30140-062 – Belo Horizonte – MG

PRODUÇÃO

3i Editora (99642-6085)

A Academia de Letras do Ministério Público de Minas Gerais foi fundada em 14 de dezembro de 2012 e instalada na Rua Timbiras, 2.928, em Belo Horizonte, no dia 07 de maio de 2013.

Está registrada sob o nº 133989 do Cartório de Pessoas Jurídicas da Comarca de Belo Horizonte e inscrita no CNPJ sob o nº 18.316.772/0001-00.

É uma associação de caráter cultural, sem fins lucrativos, de duração ilimitada.

A ALEMP/MG tem por finalidade a congregação dos membros do Ministério Público de Minas Gerais, a valorização da cultura da língua brasileira e da literatura nacional.

Seu patrono é o Ex-Procurador-Geral de Justiça Mauro da Silva Gouvêa.

Foram fundadores da Academia: Abelardo Teixeira Nunes, Antônio Francisco Patente, Antônio Lopes Neto, Antônio Aurélio Santos, Bergson Cardoso Guimarães, Bertoldo Mateus de Oliveira Filho, Gilberto Osório Resende, Joaquim Cabral Netto, Luís Alberto de Almeida Magalhães, Luís Carlos Abritta, Marcos Paulo de Souza Miranda, Maurício Braga de Mendonça, Octávio Augusto Martins Lopes, Selma Maria Ribeiro Araújo, Sérgio Parreiras Abritta, Maria Odete Souto Pereira e Sylvio Fausto de Oliveira.

Os patronos das Cadeiras ALEMP/MG são escolhidos entre ex-integrantes do Ministério Público que se destacaram no mundo cultural, a exemplo de José Campomizzi Filho, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, Alfredo Carneiro Viriato Catão,

Afonso Arinos de Melo Franco, Ariovaldo Alves de Figueiredo, Aníbal Machado, Geraldo Freire, Antônio Carlos de Souza Leite, Joaquim Cabral, Luis Prudente Silva, Francisco Pascoal de Araújo, Alphonsus de Guimarães, José Valeriano Rodrigues, Leontino de Melo Chaves, Francisco José Lins do Rego Santos, Nelson Hungria, José Lins do Rego, Tancredo de Almeida Neves, Antônio Augusto de Lima e Levindo Ozanan Coelho.

ACADEMIA DE LETRAS DO MINISTÉRIO PÚBLICO DE MINAS GERAIS

CADEIRAS PATRONOS(AS)

- 1 Afonso Arinos de Melo Franco
- 2 Alberto Pontes
- 3 Alphonsus de Guimarães
- 4 Alfredo Carneiro Viriato Catão
- 6 Aníbal Machado
- 7 Antônio Augusto de Lima
- 8 Antônio Carlos Ribeiro de Andrada
- 9 Antônio Carlos de Souza Leite
- 11 Antônio Martins Vilas Boas
- 16 Francisco José Lins do Rego Santos
- 18 Francisco Pascoal de Araújo
- 19 Geraldo Freire
- 20 Iracema Tavares Dias Nardi
- 23 Joaquim Cabral
- 24 José Campomizzi Filho
- 25 José Lins do Rego Cavalcanti
- 30 Leontino de Melo Chaves
- 31 Luiz Prudente da Silva
- 32 Nelson Hungria Hoffbauer
- 33 Orosimbo Nonato da Silva
- 34 Levindo Ozanam Coelho
- 36 Raul Soares de Moura
- 37 Rodrigo José Ferreira Bretas
- 38 Tancredo de Almeida Neves
- 39 Virgílio Martins de Melo Franco

ACADÊMICOS(AS)

- Henrique da Cruz German
Roberto Atílio Jávare
Gilberto Osório Resende
Bergson Cardoso Guimarães
Sérgio Parreiras Abritta
Sérgio Soares da Silveira
Luiz Alberto de Almeida Magalhães
Bertoldo Mateus de Oliveira Filho
Allender Barreto Lima da Silva
Selma Maria Ribeiro de Araújo
Marcos Paulo de Souza Miranda
Octávio Augusto Martins Lopes
Shirley Machado de Oliveira
Joaquim Cabral Netto
Antônio Lopes Neto
Élida de Freitas Rezende
Antônio Francisco Patente
Antônio Aurélio Santos
Maria Odete Souto Pereira
Vinícius Alcântara Galvão
Duarte Bernardo Gomes
Monica Sofia Pinto Henriques da Silva
Raquel Pacheco Ribeiro de Souza
Danielle de Guimarães Germano Arlé
Pablo Gran Cristóforo

Apresentação

A publicação deste 7º Volume da Revista da Academia do Ministério Público do Estado de Minas Gerais (ALEMP-MG) atende à sequência de anseios que estão no cerne da existência de uma entidade cultural literária: a criação da educação, o entendimento da linguagem, a valorização da nossa história transformadora, a imaginação, a identificação do que nos torna mais humanos. Enfim, já se disse alhures que cultura é tudo aquilo que a gente aprendeu depois que a gente esqueceu tudo aquilo que a gente aprendeu. É o caldo do que somos, do que podemos ter como caminho, de nossas escolhas, da experiência mesma de nossa possível reverência à vida.

Os trabalhos ora publicados nesta reunião são de autoria dos membros e membras da ALEMP-MG e de autores convidados, irmanados na arte de criar, dialogar, escrever, interagir com a natureza e os seres que nos rodeiam. Aquele que perdeu a curiosidade pelo mundo que o cerca, pode perder a vida. Foi Edmond Rostand quem nos lembrou, em uma de suas peças, de que “a vida é sonho sem sono. E a morte? É sono, sem sonho”. Entre o sonho e a realidade, podemos construir nossa utopia com o conhecimento. A valorização da cultura, da escrita e oralidade para se ver a luz fora da caverna, a existência da arte como transformação dialética. Construir a pedagogia do afeto com tais diálogos (dia = dois ou mais; logos = conhecimentos reais).

A sensibilidade, a sabedoria e a experiência do real e do onírico que os trabalhos aqui trazidos revelam são fruto da irmanação em torno de ideais comuns. A existência de uma entidade como a ACADEMIA DE LETRAS DO MINISTÉRIO

PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS, com tais fins, dá acolhida e só tem sentido se o trabalho do cultivo sempre emerge. E se faz florescer.

Ei-lo aqui: o livro impresso. Foi Umberto Eco quem escreveu que o livro pertence à mesma categoria que a colher, que o martelo, a roda e a tesoura. Uma vez inventados, não se pode fazer melhor. Que os leitores – com prazer, crescimento e alegria – possam beber dessa oportunidade que a literatura sempre nos proporciona.

Bergson Cardoso Guimarães
Presidente da ALEMP-MG

Sumário

I – POEMAS E SONETOS 15

Shirley Machado de Oliveira

A luz do chão... 17

Minha mãe ... 21

Inércia ...22

II – CONTOS, CRÔNICAS, “CAUSOS” E REFLEXÕES23

Antônio Aurélio Santos

Dr. Sarabando e a loção milagrosa ...25

Nos velhos tempos da Jovem Guarda ...29

Luiz Alberto de Almeida Magalhães

Só ...36

Monica Sofia Pinto Henriques da Silva

O caso do canário – Uma releitura ...39

Pablo Gran Cristóforo

Amigo ...41

Cinquentei ... 42

Encontro na ladeira ... 45

Incertezas ... 46

Mil faces ... 47

Oração aos moços e moças do Ministério Público ... 49

Tempo feito pinguela ... 51

Vida de anjo ... 52

Selma Maria Ribeiro Araújo

Uma contradança ... 53

III – ENSAIOS E ARTIGOS HISTÓRICOS, LITERÁRIOS E MONÓLOGOS57

Allender Barreto Lima da Silva

Aline Bei ... 59
Elogio ao amor ... 60
Lavoura Arcaica ... 62
Noites Brancas ... 63
O sentido da vida ... 64
O velho graça ... 65

Duarte Bernardo Gomes

Ler os clássicos ... 67

Marcos Paulo de Souza Miranda

Breves traços biográficos de Francisco Pascoal de Araújo,
o inesquecível poeta de Andrelândia ... 70
Uai, ué! De onde que o trem é? Possíveis origens de alguns falares mineiros ... 72
Um bravo mineiro na Guerra de Canudos ... 78

Vinicius Alcântara Galvão

Dois “velhos” argumentos sobre a existência de Deus ... 83

IV – DISCURSOS101

Allender Barreto Lima da Silva

Discurso de posse da CCRAD - 02/03/2021 ... 103

Selma Maria Ribeiro Araújo

Discurso aos colegas empossados ... 112

V – AUTORES CONVIDADOS 117

Ana Gabriela Brito Melo Rocha

Ad aeternum ...	119
Ao que não mais existe ...	120
Cardiovascular ...	121
Consolet ...	122
G – estação ...	123
Nascida em 25 de agosto ...	124
(Re)solução ...	125
Transcendência na imanência ...	126

Marcus Paulo Queiroz Macedo

A metamorfose ...	127
Os leitões brancos ...	129
Não pecar contra a castidade ...	130

I

Poemas e Sonetos

A LUZ NO CHÃO

SHIRLEY MACHADO DE OLIVEIRA

I

Um passo de cada vez
Porque o cansaço faz épica a curta viagem

Ela olha para os lados:
Quadros repetidos e aranhas

São do mesmo elemento, o chão e ela

O caminho, sem placas, parece pedir que ela siga
E os lugares são iguais
Ela correndo ou andando
Volta ao ponto inicial: perdida!

Não sabe se ficou parada ou se caminhou sem rumo
Supõe que alguns anos se passaram.
A paisagem ficou comum
A vida era o labirinto

Ouvia gritos tenebrosos vez ou outra
E sabia que era a morte fazendo seu papel

Ela queria a vida, ou achava querer
Queria parar e se achava a correr
Pois a vida nos caminha

E quanto mais queria se distanciar dos gritos
Mais caminhava para eles:
A vida realmente não gosta de quadros repetidos

Lá estava o mostro
A soma dos terrores que queria esconder
As mazelas que ignorava pela dor

Cara a cara com a morte
Cumpru duramente seu destino

E pelo fio inquebrável das virtudes,
Voltou a si.

II

Antes cambiava
Mercado paralelo
A preço de sangue,
Teu ópio

Pode o mar existir sem rio?

Frases póstumas
Jeito em metáforas
Espelho intocável

Deu montanhas por nuvens
Chorou sem correr
Sentada em dormentes desejos

O trem etéreo
O próprio espaço
O vazio cheio
A luz escura

Olhou o besouro sendo besouro
E a maçã
E o tempo
O cheiro quente do feijão em lava

O rio correu
A mina, era ela

III
Por do sol que me tens,
Completa,
Como inteiro és

Pinta o horizonte de esperança
Lembra dos ciclos
E da noite, natural e inafastável

Distorce a visão e traz outra
A própria beleza manifestada

Ao vê-lo, banhando tudo,
Sou parte de seu laranja

O céu, espelho de minha alma

IV

No espelho,
Achava que se via

Traços de pedras
E dragões

Dizia ser colcha de retalhos

No espelho dos olhos dos outros,
Achava que se via

A solidão de um dia cheio

Um dia
Topou com aquilo que corria
E escorria
E virou um lago
E depois um oceano

Viu-se.

Tudo sempre esteve lá,
Esperando por ela

MINHA MÃE

SHIRLEY MACHADO DE OLIVEIRA

Minha alma te busca.
E se a vida desliza a meus pés,
Num bolero de chegadas e partidas,
A fome se sacia em ti
E o mistério se explica

Porque tudo te pertence
Porque de tudo se derrama o amor

E quando piso descalça na frieza da terra
E ando pelada de interesse e disfarce

Entendo quão simples são as coisas da vida

Aprendo contigo a inventar jantar com a sobra dos dias
Acreditar no bem que esconde a criatura

Percorro seres e cantos
Procurando teu olhar e tua prece
Como caricatura de Deus
Escondida num masculino silente
Ou exposta como leão

E nesse te achar os rastros
Num teto na chuva
Numa calma sem pressa
Num colo pra esquecer
O que encontro sou eu
E tudo o que posso ser

INÉRCIA

SHIRLEY MACHADO DE OLIVEIRA

As coisas correm seus cursos
Ou andam, se eu ritmada
Não há estação que me aguarde chegar.
Há um cavalo a galopes
Na brisa do tempo...
Uma rede a dançar...
E mesmo que eu me sente,
me assente, me doente,
Meu espírito repente,
Dispara pelas trilhas.
Guardo sínteses para uma salada desproposital.
Mas a fome insiste... e persiste...
Vejo do centro o movimento:
Arrevoada de elétrons.
Vou à arquibancada e rodopio de êxtase.
Vomito a calma desesperada do imóvel.
A paz é flor que se colhe andando...

II

Contos, Crônicas, "Causos" e Reflexões

ANTÔNIO AURÉLIO SANTOS

Segundo especialistas, como o prezado André “Talking Head”, da Barbearia Conde de Linhares (BH), por causas que ora não vêm ao caso, boa parte dos homens começa a perder cabelos ainda na juventude e, até à meia-idade, a calvície atinge cerca da metade da população masculina. Enquanto alguns assumem a calva com naturalidade, outros, não tão duros na queda, passam a buscar tratamentos e remédios para a regeneração capilar. Porém, conforme o escolado barbeiro e filósofo belo-horizontino, “se hoje fosse possível a cura da queda dos cabelos, caras vaidosos como Elton John e outros endinheirados carecas certamente não usariam peruca”.

O ameno ou nada cabeludo caso que se segue, que se contrapõe em parte à conclusão do cético especialista supracitado, sucedeu-se em meados dos anos 90, quando o ilustre e irrequieto promotor Fernando Sarabando, então lotado na Promotoria de Justiça de Defesa do Cidadão, em auxílio ao não menos distinto e inquieto colega Antônio Joaquim, andou fazendo algumas inusitadas incursões na área de defesa do consumidor, em especial no combate a propaganda enganosa.

Nessa seara, certo dia chegou às mãos (e, logo, logo, chegaria à cabeça) de Sarabando um frasco contendo uma loção capilar supostamente milagrosa, fabricada em uma pequena cidade, distante a cerca de 60 km de Belo Horizonte. Na embalagem, além do nome do produto em caixa-alta e de dados sobre o mesmo em

letras miúdas, duas fotos 3 x 4 do suposto inventor: numa, ele amuado, noutra, risonho, com as legendas “era assim” e “ficou assim”, respectivamente. Como na foto em que o tal sujeito aparecia como era “antes” ele aparentava ter bem mais idade que naquela de como ficou “depois”, de cara, ou melhor, pela cara, Sarabando desconfiou da mensagem publicitária veiculada.

Mas, como além de ser o mais desconfiado, o mineiro também é reconhecido como povo dos mais criativos, responsável por invenções que vão do chup-chup alcoólico ao avião, passando por outras preciosidades como o pão de queijo, a guaranita e a coxinha com catupiry, nosso cauteloso investigador, cuja fama de decifrador de enigmas vinha desde os tempos de policial em Santos (SP), pensou: “por que cargas-d’água o mineirinho das tais intrigantes fotos não poderia de fato ter inventado a tal loção que acabava com a queda e fazia nascer cabelos?”

Diante da transcendental questão, antes de formalizar a instauração do procedimento investigatório, Sarabando contactou colegas de promotoria especializada que, na condição de calvinos notáveis ou emergentes, em seu *sherlockiano* entender, poderiam haver “testado” o produto e, caso positivo, emitir opinião a respeito. Assim, foram instados vultos cimeiros do Ministério Público mineiro, como Afonso Henrique e Nelson Rosenvald, além do Dr. J. P. Cardoso, Coordenador do Departamento Médico do MPMG, especialista em Medicina do Trabalho e, segundo fontes sarabandianas, altos estudos em Tricologia (“não confundir com a arte de fazer tricô”, adverte ele).

Sempre na busca da verdade real, quiçá, surreal, e ignorando riscos (dizia-se, por exemplo, que loções do gênero poderiam causar comichão e até diminuição da libido), o desprendido Sarabando colocou-se como cobaia e passou a usar, duas vezes ao dia, a versão shampoo do produto, no que foi seguido pelo fiel oficial

de diligências Gaspar “Watson” Gomes. Coincidentemente ou não, segundo nos lembra o eclético servidor Roberto Perpétuo, o “Bob MacGyver”, à época Gaspar andou com o cabelo e a barba arruivados por alguns meses.

Aliás, para Sarabando, que, naquele quartel, entre outros enfrentamentos de efetiva capilaridade, promovia um implacável combate a crimes de agiotagem, a experiência em tela teria sido até um refresco pra cabeça. O mesmo se poderia dizer em relação a dois outros destemidos voluntários envolvidos na ensaboada missão, Afonsinho e Nelsinho. Apesar de no primeiro momento não confirmarem conhecer a loção, a partir de então, adquirindo lotes do produto das mãos do Dr. Cardoso, ambos mergulharam de cabeça no viscoso experimento. Aliás, consoante o colega de ministério e contemporâneo de UERJ Rogério Greco, as duas crédulas almas, possivelmente, ambicionavam um topete como o do professor Luiz Fux.

Por sua vez e por fim, diz a lenda que o Dr. Cardoso, possuidor de um sítio nas respectivas vizinhanças, certo final de semana visitou a fábrica da propalada loção. Lá, a preço de custo e em prol da ciência, arrematou todo o estoque do produto. Diz o amigo em comum e então Procurador-Geral Epaminondas Fulgêncio que, aproveitando a estada na pitoresca cidadezinha, o curioso facultativo resolveu conhecer pessoalmente o descobridor da loção. Qual não foi surpresa de Cardoso ao constatar que, além de jeitoso e, claro, brincalhão, aquele tipo caipira, de simplicidade interiorana, o tal inventor do remédio contra a calvície, era ... CARECA!!

...

Em recente encontro com o estimado Sarabando, o hoje procurador de Justiça, sem esconder certa nostalgia, lembrou que, ao final das investigações, após as oitivas do suposto inventor ori-

ginal e a de um outro pretense descobridor da fórmula da indigitada poção (uma mistura de folha de jaborandi com algumas outras ervas e raízes medicinais), juntado aos autos um laudo pericial inconclusivo, remanescendo a dúvida quanto à eficácia ou não do produto, o caso não foi judicializado.

A. Aurélio, Outubro/2017

NOS VELHOS TEMPOS DA JOVEM GUARDA

ANTÔNIO AURÉLIO SANTOS

“Não te abras com teu amigo
Que ele outro amigo tem.
E o amigo do teu amigo
Possui amigos também”.

(**Mário** Fernando **Quintana** Martins)

O nome de nosso herói, que em origem já traz consigo atributos de excelência, foi-lhe dado em homenagem ao avô paterno, o qual, por sua vez, havia se auto homenageado nominando aos seus filhos conforme o acróstico abaixo:

Emília
Pedro
Aderbal
Maria
Ivan
Nilza
Orozimbo
Nivalda
Décio
Ademar
Silvia

(parênteses: diz a lenda que “Vovô Epaminondas” queria ter filhos o suficiente para também homenagear a esposa Izaltina, a “Vovó Tiná”, mas faleceu antes da nova amorosa façanha procriadora).

A história que se segue, embora aparentemente sem maior importância, vista como uma dessas vicissitudes da vida, possivelmente foi decisiva na subsequente definição vocacional do então infante protagonista, qual seja, Epaminondas Fulgêncio Neto, bom camarada que, tempos depois, brilharia nas fileiras do Ministério Público.

Voava a segunda metade da explosiva década de 60 do Século XX. O movimento musical denominado Jovem Guarda tomava conta do país, cativando legiões de seguidores, sobretudo entre adolescentes. Embora menoscabado pela dita vanguarda intelectual por suas temáticas ingênuas e juvenis, o movimento – cujo nome derivou-se de um programa dominical de auditório da TV Record, Canal 7, comandado pelos cantores Roberto Carlos, Wanderléa e Erasmo Carlos – causou uma verdadeira revolução de costumes nestas plagas durante sua fulgurante existência.

Pois bem, foi nesse efervescente contexto que, no início de certa tarde belorizontina, o ginasiano Epaminondas, então com seus 11 para 12 anos, saiu de sua casa no bairro Prado e, em vez de rumar para o Liceu (hoje, Colégio) Salesiano no Gameleira, à revelia de seus familiares, pegou o bonde para o bairro Floresta, rumo ao antigo Palácio do Rádio (depois, Teatro Alterosa), onde, no auditório da antiga TV Itacolomi, Canal 4, todas as tardes, acontecia um programa de calouros (Sua Majestade A Criança?!), uma espécie de *The Voice Kids* regional da época, comandado pelo radialista e apresentador Álvaro Alvim.

Após receber na entrada um cachorro-quente e um refrigerante, cortesia dos anunciantes, Pepe misturou-se entre os jovens que estavam na plateia, sentando-se mais ao fundo do auditório. A cada intervalo entre um calouro e outro, nosso ainda tímido

personagem levantava a mão sempre que o apresentador perguntava: “Quem quer cantar?”. E eis que, numa dessas oportunidades, Álvaro Alvim apontou o indicador para a turma do fundão e gritou: “Você aí, gordinho de óculos, vem pra cá!”

(parênteses: naquele tempo ainda se podia chamar gordinho de gordinho)

Já no palco, o simpático gordinho foi instado a responder às perguntas de praxe:

– Qual é o seu nome e que música você vai cantar?

– Meu nome é “Pepe”..., “Pepe Carlos”, e vou cantar “Meu Amor Brigou Comigo”, de Wanderley Cardoso.

Em seguida, após sinal de um dos integrantes do conjunto musical, Pepe iniciou o ataque à rixosa obra do canceiro romântico jovem-guardista:

Meu amor brigou comigo

Me deixou na solidão

Como é ruim briga de amor...

Mal ou bem, bem ou mal havia cantado 3 ou 4 versos, nosso suposto promissor futuro ídolo da jovem-guarda foi interrompido, ou seja, “gongado” pelo apressado apresentador. Atônito, sem entender bem o que estava acontecendo, após receber de seu algoz uma régua de madeira com o distintivo do Cruzeiro Esporte Clube como prêmio de consolação, entre apupos e risos da plateia, com aquela fleuma que o tempo só aumentaria, o bom gordinho voltou para o seu lugar na plateia, ali permanecendo estoicamente até o final do programa.

Findo esse, sem olhar muito para os lados, Pepe retirou-se do teatro e, cabisbaixo, reguinha do Cruzeiro nas mãos, desceu a

(atual) avenida Assis Chateaubriand em direção ao centro da cidade. Na altura do Viaduto Santa Tereza, o já juramentado atle-ticano mandou pro espaço a malsinada reguinha do time azul-celeste, bradando: *E que tudo mais vá pro inferno!*

Depois de uma noite um tanto quanto insone e meditativa, na manhã seguinte, ainda incomodado com a inesperada gongada e pensando em resgatar a honra musical da família, eis que filho da sensível pianista e cantora lírica Lêda Bretz, e do exitoso advogado e professor Décio Fulgêncio, requintado tenor, cantor de árias e serestas nas horas vagas, Pepe contou o ocorrido à sua irmã Adriana, um ano mais velha e dona de privilegiado talento vocal e musical, aprimorado com aulas de piano e canto com a renomada professora Dulce Cavalcante.

Após a confiança, Pepe passou a instar a mana Adriana a comparecer ao indigitado programa de calouros. Conhecedora, como todos em sua casa, dos dons musicais de Pepe que, a plenos pulmões e empunhando a bucha vegetal como microfone, diariamente visitava e revisitava em seus longos banhos de chuveiro o repertório de seus ídolos Wanderley Cardoso (desde “O Bom Rapaz” até “*Prestenção*”, passando por “Doce de Côco”, entre outras) e Jerry Adriani (entre outras, “Querida”, “Quem Não Quer” e a sugestiva “Ninguém Poderá Julgar-me”), inicialmente, Adriana relutou em atender ao pedido do irmão, insistindo que ele é quem deveria voltar ao programa, escolhendo outra música de seu ídolo maior.

– W.C. por W.C., você deveria cantar “O Bom Rapaz”, que tem mais a sua cara.

Nessa toada, buscando sempre incentivar o irmão, Adriana contou-lhe que, antes de se tornar uma lenda (então viva), Elvis Presley teria passado por experiência semelhante, sendo inclusive

aconselhado por um agente artístico a voltar a ser motorista de caminhão. E acrescentou:

– Seja como for, como se diz, “a alegria está na tentativa, não na vitória propriamente dita”.

Aproveitando a deixa, Pepe retrucou:

– Então, tá, Niana! Da próxima vez é você que vai tentar.

Dias depois, rendendo-se aos insistentes apelos de Pepe, Adriana matou aula no Pio XII e acompanhada do irmão e fã, compareceu ao mencionado programa. Para chamar a atenção e ter mais chances de ser escolhida como caloura, foi ela com um vestido multicolorido feito pela caprichosa “Vovó Helena”. E, como esperado, deu resultado. Assim, chamada ao palco logo na primeira leva de calouros, Adriana, cantando “Como é grande o meu amor por você”, de Roberto e (!) Erasmo Carlos, com uma interpretação perfeita, acabou “indo para o trono”, recebendo ao final, entre outros prêmios, além de duas réguas de madeira com o distintivo do Galo (cortesia do produtor Isaías Lansky), um pacotão de balas da marca Morro Velho, cujo conteúdo seria depois dividido pela feliz dupla cantante com a maninha caçula Luciana.

Essa efeméride foi mantida em segredo em relação aos pais por alguns anos. Certo dia, em festivo almoço familiar, na presença da estimada “Liosa” (Heloína Custódia), prendada cozinheira e amorosa babá, uma mistura de Tia Nastácia com Mamã Dolores que já de longa data prestava inestimáveis serviços ao clã Bretz Fulgêncio, conversa vai, conversa vem, Pepe e Adriana acabaram contando a história aos pais. Na ocasião, enquanto sua irmã lamentou a inexistência de qualquer arquivo audiovisual do saudoso programa, de sua parte, Pepe, ressaltando que fora gongado injustamente, acrescentou que, de todo modo, a “culpa” de

ele ter se aventurado como calouro fora de Liosa que, ouvindo-o cantar diariamente quando criança, vivia dizendo: “*Pepinho, Pepinho, cê canta quem canarinho, cê canta quem canarinho. Divia cantá na televisão*”.

– É ou não é, Liosa?!

– É, *Pepinho! Mais cê divia sabê qui canarinho na muda não canta!*...

E os anos continuaram voando. Já no século XXI, a prosaica historinha da gongada, até então revivida na saudade em confraternizações familiares, jazia dormitando na memória dos personagens envolvidos, quando, belo dia, entre parentes e colegas amigos então em visita, entre estes o migalheiro Fernando Martins, inadvertidamente, Pepe lembrou-a, ou seja, (re)contou o percalço à torcida do Flamengo, literalmente.

Agudo observador do comportamento alheio, o novidadeiro Fernando, editor do *Blog Blue Macaw News* nos momentos de ócio, desde que, a pretexto da defesa da liberdade de expressão e do direito à informação, derrubou-se a necessidade de autorização prévia do biografado para publicação de fatos sobre a sua vida, vem trabalhando em uma biografia do amigo Epaminondas, a ser lançada em edição bilíngue (português – italiano), cujo título provisório é: “Pepe Legal em Ritmo de Aventura” (*Peppino di Prado nel ritmo dell'avventura*).

Nessa empreitada, o incansável biógrafo não-autorizado, durante uma de suas marchas atléticas diárias no entorno do Parque do Sabiá, em Uberlândia, após rebojantes reflexões teóricas sobre o assunto, que será objeto de capítulo próprio no livro (Salvo pelo gongo?! – *Salvato dalla campanella?!*), chegou à plausível conclusão de que, encontrando-se o então pré-adolescente calouro em fase de mudança de voz, começara ele a cantar

num tom grave à la Tim Maia, modulando, porém e de súbito, para um agudo de timbre tipo Michael Jackson em seus tempos de criança (*Jackson Five*). Nesse momento, apesar de não haver desafinado ou atravessado, mas tão-somente passado a cantar uma oitava acima, o canoro gordinho de óculos acabou sendo gongado pelo impaciente apresentador. *Se non è vero è ben trovato.*

LUIZ ALBERTO ALMEIDA MAGALHÃES

“Senhor, eu sei que Tuas normas são justas, e que por fidelidade me fazes sofrer.” Salmo 118, versículo 75.

Dos gêmeos, sobreviveu ele. No parto, a mãe morreu de hemorragia. O pai caiu no mundo. Ficou na incubadora, num canto qualquer, assistido por uma freira, auxiliar de enfermagem. Levado para um convento foi tratado como frágil passarinho, doentinho que era. Começou a viver, começou a viver sem esperança... E viesse a morte quando Deus quisesse. Às vezes, tanto, que seu sonho louco voava das estrelas à mais rara. Outras, tão pouco, que ninguém mais com tal se conformara. Hoje é que nada esperou. Para quê, esperar? Sei que nada é meu senão se o não tiver. Se quero, é só enquanto apenas quero. Só de longe, e secreto, é que inda posso amar... E venha a morte quando Deus quisesse. Mas, com isto, que tem as estrelas? Continuam brilhando, altas e belas.

Cresceu, e foi mandado para “bater asas” em um monastério. Lá, ele vivia para fazer limpezas e morava num quarto em que tinha por empréstimo uma cama, travesseiro, lençol, fronha, manta e banheiro. À noite, em sonhos agitados, se afligia das reminiscências guardadas na alma. Perdia-se na cama, embrulhava-se na manta, levantava-se e beijava o espelho, descobrindo que era frio e sem sabor. Considerava sua existência absurda e se sentia um morto deprimente ao conversar com a mãe que imaginava morta, se é que tivera mãe para ser amada como mãe. Sente

que é ninguém, salvo uma sombra de um vulto que não vê e que o assombra. E, quando sonhava com as tentações da carne, lia a bíblia, um só livro ali, dormido no pó.

Não conheceu do amor as vãs complicações nem o prazer e as suas decepções. Por isso é que os fiéis das sensações tiveram sua vida por frustrada. Viveu de leve, humilde e afável, encerrada no mistério sem mito em que morreu. Da sua vida mais intensa, nada chegou ao mundo, que não era seu.

Guardara um pouco do dinheiro colhido nas missas por freirinhas, sem nunca ter sido notado, pensando assim não ser pecado. A espera tem sua hora e um dia fugiu sem destino, levado pelo vento (não dizer seria cruel, mas ele tinha Inteligência de sobra e o excedente de sua inteligência sentiu-se incapacitado para continuar vivendo no interior de seu cérebro e, por isso, resolveu sair em busca de uma escapatória). Com o dinheiro, comprou um barraco de um só cômodo, numa região esquecida, longe de estradas. Possuía, agora, também mesa, toalha, prato, garfo, faca, colher e xícara. Sempre foi UM, com Deus.

Erigiu contra os céus o seu imenso engano de tentar o ultra-humano, ele que era tão humano: “Senhor meu Deus em que não creio! Nu a teus pés, abro o meu seio procurando fugir de mim, mas sei que sou meu exclusivo fim. Sofro, assim, pelo que sou. Sofro por este chão que aos pés se me pegou. Sofro por não poder fugir. Sofro por ter prazer em me acusar e me exhibir! Senhor dá-me o poder de estar calado, quieto, maniatado, iluminado. Se os gestos e as palavras que sonhei, nunca os usei nem usarei, se nada do que levo a efeito vale, que eu me não mova, que eu não fale.”

Era bom consigo mesmo, se isto podia existir no vazio de sua vida. Havia no aposento uma espécie de grande ouvido atento, e os soluços dele subiam pelas espirais das coisas, demora-

vam-se, palpitando, antes de perder-se nas galerias interiores do silêncio. Escreveu Inês Seibert que “o silêncio é uma forma de dizer que certas coisas não valem o cansaço de nossa alma”. Sendo que a imaginação humana odeia o vácuo, morreu de solidão, assentado na única cadeira sempre vazia de uma visita. Deixou escapar um gemido, depois outro suspiro, e não ficou nada no ar capaz de alimentar a dúvida de que a morte havia entrado. Procurara por tempos um coração perdido, tentando recuperar a sua bondade natural. Certo dia, um temporal bateu na porta e entrou com o vento forte que espalhou pelo chão os ossos do esqueleto, parte do que ficara na cadeira. Pedaco de um outro vento fechou a janela, trancou-a, uma só escuridão. Num outro tempo adiante, alguém bateu palmas, não viu ninguém, era um só silêncio. Entrou e se instalou. Alma e corpo do que chegava se entenderam com a alma presa e ossos que ali ficaram. Finalmente, ele não era mais só! Chegara alguém que o abraçasse e ali ficasse.

O CASO DO CANÁRIO - UMA RELEITURA

Homenagem a Machado de Assis

MÔNICA SOFIA PINTO HENRIQUES DA SILVA

Em uma tarde, após o almoço, passamos eu, a senhora minha mãe e as cunhadas à sala reservada às mulheres e aos bordados que ocupavam o nosso tempo ocioso, enquanto as criadas encarregavam-se da loiça. O calor abafado sufocava e nem mesmo uma leve brisa vinha aliviar-nos. Os homens dirigiram-se ao gabinete que se situava ao lado desta sala, a tomarem o licor e a fumarem os seus charutos. Em breve, discussões sobre política, assunto predileto nos colóquios daquelas tardes, ocupariam o ambiente.

A sala e o gabinete eram espaços fronteiros separados apenas por uma leve cortina branca de linho. O silêncio feminino contrastava com o ruidoso falar dos cavalheiros e, não raro, era-nos possível ouvir suas acirradas argumentações.

Naquela tarde, entretanto, o senhor meu pai e meus irmãos entretinham-se com o curioso caso de um amigo, um ornitólogo chamado Macedo, que perdera o juízo e falava aos pássaros. Mais especificamente a um canário que comprara de uma loja de belchior. Pois aquela história, tão peculiar, viria a abalar a calma de minh'alma. E não foi o fato do homem estar a manter conversas com seu canário que me causou tamanho estranhamento.

Narrava meu irmão, entre risos, que o senhor Macedo teria comprado o canário em uma simples loja nos arredores da Igreja Matriz. O pássaro cantava mas, aos ouvidos do pobre homem, os trinos misteriosamente soavam como palavras da língua pátria e o tal Macedo, perdido do juízo, travou com ele conversa da mais profunda filosofia. Pois garantia ele que o canário, ao ser questio-

nado sobre sua opinião do que seria o mundo, havia explicado que o mundo nada mais era do que sua gaiola: o resto, pura ilusão. A especial ave passou, então, a viver no belo jardim da chácara do Macedo e, tempos depois, ao ser novamente perguntada sobre o que seria o mundo, respondera: ora, o mundo nada mais é do que essa amplidão de verdes e flores. O resto, ilusão. Mas, tragédia das tragédias, o canário fugira. Atarantado, o Macedo o procurara por todos os sítios para, finalmente, ao acaso, encontrá-lo em um galho de árvore. Livre, o pássaro lhe teria dito: Senhor Macedo, o mundo é vasto e sem fim!

Pelo que sabia meu irmão, aqui findava-se a história do Macedo e seu canário.

A mim, o calor ainda mais sufocou. Concentradas em seus trabalhos manuais, minhas companheiras de ócio não poderiam perceber-me tão atrapalhada. Pois, naquele instante, compreendia que o canário era eu.

Então, pois não era? Se acaso o tal Macedo surgisse agora pela porta da saleta e, espantosamente, perguntasse: mulher, o que é o mundo? Que resposta lhe daria eu senão que o mundo é este bordado, esta cadeira e esta sala. O resto, ilusão.

Pois meu mundo não é somente a espera de um marido que talvez nem chegue e, se acaso chegar, irá ocupar o gabinete ao lado, com seus charutos, julgando insanos os que com os pássaros falam?

Estava irremediavelmente perdida, consciente de minha triste sina. Invejava o destino do pássaro que se livrou da gaiola que o prendia. Eu não poderia, de modo algum, livrar-me dos grilhões que me atavam àquela sala que era todo o meu mundo.

Desde aquele dia, em que meus irmãos se riram a faltar do triste Macedo, o ornitólogo que perdera o juízo, todas as tardes minhas lágrimas molham meu bastidor onde bordo livres canários em um vasto céu azul.

AMIGO

PABLO GRAN CRISTOFORO

Amigo de quem não tiro o prazer da carne, nem faço compromisso.

É relação despreocupada.

Que não desce, mas transcende.

Inebrio-me na alegria e no pulso, compadeço da tristeza que me chega.

No agreste de tuas preocupações, me desertifico e, na cura de tuas palavras, me soergo.

Vibro na conquista do teu suor.

Amigo não esgarça com o tempo, nem desgasta tampouco com o pouco que te vejo.

Quantas vezes gargalharam nossas almas?

Quantas mais “almalharam” nossos elos?

Perdi a conta.

PABLO GRAN CRISTOFORO

Ontem mesmo tinha quinze. Juro que tinha!

Tenho a impressão que minha vida salta feito tabuada do cinco.

Faz pouco, brincava na praça em frente ao Rio Negro, colhia pedras nas ruas de terra da Vila Oliveira, perambulava em construções entre farpas e concreto, andava de bicicleta nos cânions que hoje abrigam o shopping de Mogi.

Não faz muito tempo, corria nos jardins do Teotônia, participava de campeonatos de Caratê, seguia na kombi do Saboro para os jogos de basquete.

Dançava no privê do Clube de Campo, batia papo com meus colegas de escola. Ria das brincadeiras na chácara com meus primos, andava de cavalo com meu pai, cantava te amo espanhola para a espanhola da minha vida.

Num piscar de olhos, me formei profissional, estudei um bocado e me mudei de cidade, logo já estava casado e chorei no nascimento da minha filha.

A vida é mesmo um sopro e uma reviravolta!

Depois de certo tempo, me despedi do meu pai, da vida em comunhão e de muitos sonhos.

Como dizem por aí, o homem planeja e Deus ri!

A vida é assim, corre feito um cervo!

Ainda não entendi muito bem o motivo de tudo isso. Apenas desconfio com a fé que tenho.

Também, pouco importa saber. A vida está aí, impositiva!

Aprendi que a história não contada é sempre a que mais importa. As entrelinhas e o sentido de tudo!

Hoje, acendi uma vela e desanquei a chorar, sem razão, apenas um amontoado de emoções que coçaram meus olhos e saltaram feito água salgada. Não sei ser despedida, nem mesmo do tempo que vira temporal.

Depois disso, já refeito, com pupila encharcada, mirei a visada para o céu e, em aceno para Deus, sinalizei que sei que está tudo ali, depois das nuvens. Me acalmei. São apenas rompantes de um velho “sábio cheio de dúvidas”.

Os anos me mostram, com as memórias que me escapam, que o fim e o começo são mais parecidos do que imaginamos. Como um curupira de pés invertidos, caminho a passos largos para o início, na busca do tempo que não volta mais, nunca mais.

E agora? Tenho a impressão de que o tal “Shivão” não me mostrará o caminho ou uma resposta pronta. A IA tampouco! Agora sou eu por mim! E está tudo certo! Minha companhia não é deste mundo.

Há uma sabedoria em aceitar que os anos são salobres, ora doces, ora não. Basta depurar o gosto e digerir o vindouro.

Estou aprendendo que nada é meu. Aceitar minhas correntezas e influências externas, nessa miscelânea de mistério e incompreensão. Acolher a ideia de ciclos tem-me feito muito bem.

Sempre fui muito correto e sistemático (o que não significa o mesmo de ser organizado) e isso me trouxe até aqui. De agora em diante, quero a leveza de um passeio e os caminhos errados.

Solto e deixando o controle para o acaso que não existe.

Na cocriação da minha verdade pelo preparo e energia que emprego, no destino que oscila entre o meu querer e o aceitar.

Despeço-me de pretensão, me entrego à vontade do vento, brisa ou vendaval.

Mas a maior de todas as lições, como tenho reforçado, é que somos energia que fica e que se esvai. Posso ser um mundo inteiro para alguém ou poeira cósmica insignificante e imperceptível para quem não está na minha frequência. O desafio maior é manter a sintonia com tudo que me cativa, na edificação do afeto.

Agora mais, deixo a intuição falar comigo. Costuma ser uma conselheira eficaz nessa vida esburacada que guarda surpresas de sertão.

E, assim, na ampulheta do tempo, deixo para trás mais um ano, satisfazendo Chronos com sua fome de comer cotidianos e destreza em talhar a pele com sulcos de “ressequidão”.

Por sorte, sigo firme, andarilho do meu próprio destino, com um propósito que se descortina e umaimensidão de vontade de fazer tudo diferente.

Já tenho saudades do que ainda não vivi!

De toda dúvida que paira, cabe uma certeza incisiva: a vida vale a pena...se vale!

Tudo vira gargalhada ao final a ecoar na eternidade. Basta ter senso de humor e um punhado de equívocos.

Aprender a rir de si mesmo talvez seja outra grande lição que fica!

Quero ser um coletor de memórias.

Obrigado a você aí do quadrante superior, que, malgrado invisível, consigo tocá-lo com a crença que me toca. E vamos.

ENCONTRO NA LADEIRA

PABLO GRAN CRISTOFORO

Estou como um poema de Álvaro de Campos, naquele encontro na ladeira daquele que fui com o que sou!

Hoje, o garoto e o homem se olham, cumprimentam um ao outro e seguem, cada qual com sua bagagem.

O menino, corcunda pelo peso da esperança.

Os sonhos são muitos!

O calejado pelos anos, com o couro mais espesso, tem muito passado a perder de vista.

Ao contrário da história do poeta, que “transcreve-se” vazio de pensamento pela fadiga dos anos, ainda carrego o peso do menino.

INCERTEZAS

PABLO GRAN CRISTOFORO

Sempre escrevi como uma forma de me perder em pensamentos.

Preocupa-me, contudo, parecer sábio ou demasiadamente sensível.

Tenho dores de ignorância e rompantes de frieza.

Não raro, meu racional chora à toa.

Sou todo estranho!

Estou perdido como qualquer lúcida pessoa nesse amontoado de vida.

Minha esperança é o logro do encontro no cansaço da procura.

Para que tudo isso?

A matéria da existência é a incerteza.

E com ela, vou me achando na inconstância das minhas convicções.

PABLO GRAN CRISTOFORO

Quanto de mim é meu e quando do que estou sou eu?

Sou o centro da cebola desnudo envolto pelas camadas que temperam e fazem chorar.

No núcleo, minha alma. Ao redor, adaptação.

Na ideia de Joseph Campbell, em seu “Herói de Mil Faces”, sigo como “por vezes, um bobo, por vezes, um sábio, por vezes, esplendor magnífico; por vezes, vagante, por vezes, imóvel como um pitão, por vezes, exigindo uma expressão benigna; por vezes, honrado, por vezes, insultado, por vezes, desconhecido (...) Assim como ator é um homem quer ponha ou deixe de lado as vestes de sua personagem”

Um dançarino cósmico, senhor dos dois mundos, já dizia Nietzsche, “não se mantém pesadamente no mesmo lugar, mas, com alegria e leveza, gira e muda de posição”.

A melodia está a exigir a dança!

Para cada relação, uma veste! Para cada um, um eu!

Somos, portanto, essa junção de partes acreditadas!

O problema não é encenar, mas a crença absoluta no personagem.

Fazer dele um novo eu, distante de mim. Vestir a alma de aparência.

Posso ser um palhaço tristonho ou quem sabe um intelectual de rasa leitura. Bom moço, boa praça, “bom vivant”, o que quiser.

“A imagem do mundo é a metade do mundo”, já dizia Jung.

Há muita coisa por debaixo das vistas.

É na troca dos papéis, entretanto, que reside a dificuldade. Não pelo engodo em si, não pelo outro, mas por não saber mais quem se é, ao se comprometer com o que esperam de ti, na criação imaginária das ideias.

Arquétipos pesando as carcaças.

O temor de se desfazer das fantasias e perceber que por debaixo de todo o trapo muito trapo há.

Já se pegou fazendo coisas que não são do seu feitio? Dizendo outras que nada tem de ti? Vociferando jargões, reclamando ideias e bradando em alto tom a voz que do outro emprestou?

Você já se sentiu perdido nas ruelas escuras do destino?

Por vezes, é preciso fazer as pazes com a voz do teu silêncio, passear pelo caminho inverso do percurso, despir as roupas emprestadas e dar de cara com você.

No espelho, não raro, me estranho, mas continuo o mesmo... em algum lugar que fiquei.

ORAÇÃO AOS MOÇOS E MOÇAS DO MINISTÉRIO PÚBLICO

PABLO GRAN CRISTOFORO

Sem a pretensão ou habilidade de Rui Barbosa, absorto pelo exemplo apenas, dirijo-me aos moços e moças do Ministério Público, com palavras de incentivo.

Ontem foi dia de emoções!

O curso de formação terminou.

E como tudo que termina precede um começo, envoltos de ansiedade e gana de fazer acontecer, vocês seguem prontos para os desafios da próxima esquina, malgrado, no esconderijo d'alma, possa assombrar a malfazeja insegurança.

Acreditem...

A preparação é o processo de fabricar capacidades.

E vocês agora as têm.

Basta acomodar as quilometragens de leitura às experiências da vida.

Tudo se ajeita entre revoadas de borboletas no estômago.

O fato é que a vida só ganha graça com o jeitão traduzido por Guimarães Rosa: “o correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”.

Coragem, colegas!

Todo o caminho se descortina no confiar e seguir.

Como não tenho a chave de todas as portas, não posso lhes dizer como chegar ao tesouro da experiência. Um manual, nessa altura, seria puro enredo sem lastro, história edificada em orgulho que não para em pé.

Apenas repito, como sempre, o que dizia o poeta espanhol Antonio Machado: “caminhante, não há caminho; o caminho se faz ao caminhar”.

Quanta verdade nisso!

De fato, não há como percorrer a estrada sem os passos.

Não existe, tampouco, procuração com poderes especiais para tanto. A jornada é só tua, colega, e o suor cobrado é o do teu rosto. Tudo o mais é retórica vazia.

O engraçado é que, apesar disso, não estamos sós, nem por um segundo. Há um olho que tudo vê e uma mão invisível que nos conforta, de modo que, na trilha da retidão e da afabilidade, entre caninos à amostra e punhos cerrados, sempre haverá alguém, uma pessoa certa, na hora certa, para auxiliá-los, fruto do acaso que não existe.

Deus se faz presente pelas pessoas!

Nunca estive só!

Por fim, se me cabe alguma sugestão, digo, aproveitem cada passada do caminho. É no esforço dos pés que os olhos desfrutam da paisagem.

PABLO GRAN CRISTOFORO

Já dizia o poeta Manoel de Barros que “o tempo só anda de ida”.

Em vão é tentar amarrá-lo na cadeira ou agarrar-lhe o pescoço num mata-leão, o tempo é como pé de vento, logo passa em rajada.

Por vezes, quis eternizá-lo em fotografias, cravá-lo em memórias, engarrafá-lo para consumo premeditado, mas ele é fugidio feito pinguela, caça jeito de seguir...

Sumiu tal qual assopro de um assobio.

PABLO GRAN CRISTOFORO

Dia desses vi o imortal Rubem Alves citando o filme “Cidade dos Anjos”.

Ali, na narrativa, justificava a escolha do anjo quando decidiu se humanizar, trocando o celestial pela pequenez.

Tudo pelo sentimento!

A frieza da vida eterna por um bom banho de água quente!

Por poder tocar a pele e se arrepiar.

Por sentir um vazio e supri-lo no outro, dentro de um abraço.

Na história, os anjos não sentem!

Penso não ser assim, sentem tanto amor, que o prazer é somenos.

Mas, enfim, ali, do jeito posto, não sentem e ponto.

E para nós, que sentimos tanto, a vida de anjo, indolor, parece perfeita.

SELMA MARIA RIBEIRO DE ARAUJO

Era uma vez uma família tradicional, poderosa, dona de muitas terras, muito gado e com muitos filhos: os Garcia, fazendeiros de carrancas, pequena cidade do interior de Minas, lá para as bandas de lavras.

Segundo minha mãe, os Garcia eram ancestrais de nossa família, vindos da Espanha, há muitos e muitos anos.

Mas mesmo tendo essa história acontecido há muitos anos, nunca deixei de ouvi-la, quando nos reuníamos em volta da fogueira, nas noites frias, na fazenda de meus pais.

Contou-nos nossa avó e repetiu-nos nossa mãe que houve, certa vez, uma festa na fazenda de Carrancas, para comemorar algum acontecimento importante.

Os Garcia eram poderosos, como já se disse, tinham muitos filhos homens e apenas uma filha: linda, cheia de dotes, uma verdadeira e preciosa joia, cuidada e tratada como uma princesa pelos guardiães da família.

Mas voltemos à festa. Para ela foram convidados os moços e as moças de Carrancas, alguns jovens dos arredores e um ilustre visitante da cidade, um espanhol, recém chegado às terras de Carrancas, garbosos e cheio de si.

Durante a festa, muita comilança. Muita dança e muita música movimentavam os corpos e os pés daqueles jovens que só raramente podiam experimentar tal façanha: uma festa com dança, em que homens e mulheres não se poupavam em parecer uns mais faceiros que outros.

O estrangeiro não perdeu tempo, e sem pensar mais que uma vez, ofereceu-se a dançar com a joia preciosa, a bem dotada filha dos Garcia, moradores da Fazenda de Carrancas.

Qual não foi sua surpresa: a herdeira de Carrancas, talvez porque de olhos voltados para outro fazendeiro da região, não aceitou dançar com um estranho, embora pretendido e cobiçado por tantas de suas melhores amigas: moço bonito, cheio de sotaque, galanteados, diferente dos homens da redondeza, geralmente mais tímidos, cabisbaixo, de poucas e gastas palavras na façanha das conquistas amorosas.

À recusa da herdeira de Carrancas, o afoito estrangeiro, um espanhol de sangue quente, como se diz por aquelas bandas, tirou bolso uma arma e, matou com um tiro certo, ali no salão de dança, aquela que se negara a honrar-lhe com uma contradança.

Mas não bastou tal brutalidade.

Uma vingança foi armada ali. Os machos da Fazenda de Carrancas e alguns da mesma família e ainda outros mais próximos, contaminados pelo sentimento de indignação e revolta pelo que presenciaram, amarraram o estrangeiro no rabo de um cavalo bravo, que ali aguardava seu dono para a volta a casa.

Eis que o de mais trágico, até então, parecia ter-se consumado. Mas não!

O cavalo se lançou cidade afora, pelas ruas pedregosas de Carrancas, e, aos sobressaltos, conduziu o corpo vivo do cidadão do mundo, aquele que veio de tão longe para uma dança na cidade de Carrancas.

Contou-nos nossa avó e contou-nos nossa mãe que não podemos nem pensar no que se viu: o corpo rodopiava pelas pedras, batia aqui e acolá, até o último suspiro daquele que viera de terras tão distantes para reinar na cidade de Carrancas.

Contou-nos nossa avó e repetiu-nos nossa mãe que, no dia seguinte, a cidade viu chegarem ao cemitério dois caixões, com dois corpos de dois jovens que não se conheceram mais que por olhares desencontrados: coisas do destino!

Contou-nos nossa avó e contou-nos nossa mãe que em Car-rancas está enterrada a filha dos Garcia que se recusou a dançar com um estrangeiro desconhecido, e o jovem espanhol, homem valente, que não conseguiu conviver com a rejeição.

Verdade ou não, era uma vez um estrangeiro que, em Car-rancas, matou uma jovem dama que se recusou a dançar com ele.

III

*Ensaio e Artigos Históricos,
Literários e Monólogos*

ALLENDER BARRETO LIMA DA SILVA

Eu não sei se Aline Bei faz prosa através da poesia ou se faz poesia através da prosa. Sei apenas que a palavra falada ganha uma espécie de autenticidade pela escrita entrecortada do seu texto. É um texto que carrega as interrupções e acelerações comuns à oralidade. É inegável que há na fala algo subversivo. Não há ponto ou vírgula que dê conta da potência da fala, do seu fluxo sanguíneo e respiratório.

Quero dizer que a normatividade da língua não consegue deter as batidas do peito, a contração do estômago e a sudorese que compõem a fala. A fala sempre escapa à prisão da forma. Ler Aline Bei é ouvir a dor do feminino; lê-la é escutar; é sentir pela voz feminina “O Peso do Pássaro Morto” e assistir a “Pequena Coreografia do Adeus”.

Emendei a leitura das duas obras porque é texto que só se para quando acaba, malgrado sua ressonância seja perene. A velocidade envolvente e a amorfia do texto de Aline Bei me remontaram, de alguma forma, ao gozo e a surpresa da inesquecível leitura do clássico transgressor “Obscena Sra. D”, de Hilda Hilst.

ALLENDER BARRETO LIMA DA SILVA

O filósofo político Alain Badiou responde as indagações do jornalista francês Nicolas Truong sobre um assunto que, embora muito retratado na literatura, não é tão comum dentro da discussão filosófica: o amor. A partir da indagação acerca do caráter de “coachização” dos afetos propagado na contemporaneidade por sites de encontros e campanhas publicitárias que sustentam a ideia securitária do amor, Badiou reflete sobre o amor como acaso e construção plural (a dois), sem garantias. Badiou, ao firmar a ideia de acontecimento do amor, refuta a segurança prometida por “treinamentos” de escolha do perfil adequado à vida em comum.

É que o acaso fura a lógica das identidades pré-concebidas. Badiou fala do amor enquanto procedimento de verdade a partir da experiência da diferença, e não somente da identidade. Ele fala que a busca por segurança e o conforto, na verdade, colocam o amor sob ameaça. E defender o amor é uma tarefa filosófica de reinvenção do risco e da aventura. Segundo Badiou, o amor enquanto evento ou expressão de um encontro demanda uma entrega à diferença. Ele trata a declaração de amor como uma aposta no porvir. A temporalidade do amor – ou sua sobrevivência – é construída por um procedimento de verdade a partir da experiência da diferença.

Sobre o Amor e a Política, indaga o jornalista do Le Monde a Badiou: “Por que a política é parente do amor? Porque também compreende eventos, declarações, fidelidades?” Embora, na concepção de Badiou, amor e política sejam procedimentos de ver-

dade, ele demarca bem as dissonâncias entre essas potências. Badiou trabalha a política como a capacidade coletiva de criação da igualdade; enquanto lida com o amor como a capacidade de construção de algo a partir da diferença. Frisa o caráter adversarial da política, ao tempo em que sinaliza que, no amor, a luta não é contra o outro, e sim, contra si mesmo.

Badiou faz um paralelo interessante entre as finalidades que porventura movem esses afetos e podem deturpar o sentido deles próprios. Segundo Badiou, assim como a experiência e luta por poder faz parte da contingência política, a vivência familiar é própria do amor; porém, a política não pode ter como finalidade única e última o mero exercício do poder, tampouco o amor deve ter como fim a perpetuação da espécie.

Um pequeno livro sobre o papel político do amor e, também, sobre a arte de entrevistar.

ALLENDER BARRETO LIMA DA SILVA

Lavoura Arcaica, um clássico que adiei por muito tempo a me deter. Obviamente, não por falta de interesse, mas por uma deferência à espera daquilo que se espera. Aguardava Lavoura Arcaica como quem economiza prazer à espera do êxtase fatal; como quem reduz o passo para chegar mais longe; como quem coloca no tempo toda a liturgia esperançosa do amor.

E o fermento do tempo fê-lo maior dentro de mim. A ponto de não haver alternativa senão enfrentá-lo para derrotar ou ser derrotado. A boa literatura agride, desconstrói e destrói; faz tudo isso, por outro lado, edificando. A palavra, o perigo dela e a libertação nela erguem e possibilitam um encontro ou um desencontro libertador, que não abre mão do nó na garganta. O diálogo que Raduam Nassar nos oportuniza, no reencontro de pai e filho, é uma das cenas mais vibrantes e potentes que “presencie” na literatura latino-americana.

Lavoura arcaica é obra dialética, protagonizada por personagens masculinos, centrada no confronto entre tradição e liberdade, que escancara pelo dito e pelo não-dito o abismo social brasileiro e a violência do patriarcado. A tragédia exhibe que, malgrado o próprio homem sofra com a tradição patriarcal, toda a violência se estrutura na negação do feminino como sujeito. Emudecido e apagado por toda obra, o corpo-voz feminino vem à tona, ao final, para pagar com a vida.

ALLENDER BARRETO LIMA DA SILVA

Interessei-me por Noites Brancas por um motivo muito peculiar: acessar o romantismo de Dostoiévski. Ícone do realismo, marcou a mim e ao mundo pela genialidade da narrativa e da descrição da dureza do real, do vazio, da angústia e da culpa. Destoando de tudo isso, Noites Brancas apresenta um jovem Dostoiévski lírico e onírico, com o perdão da cacofonia.

Antes de pisar no chão duro do realismo, Dostoiévski sonhou, idealizou, fantasiou e voou pelas Noites Brancas de São Petersburgo, período do verão em que o sol não se põe totalmente, para tratar do amor entre o Narrador/Sonhador e a jovem Nastienka.

O acaso que une o casal dura quatro noites e uma manhã, partícula de tempo suficiente para encher o peito de todos com sonhos, idealizações e expectativas sobre o amor.

Porém, há uma bifurcação.

E aqui devo dizer que, mesmo adotando o romantismo grandiloquente, apartado do estilo que o consagrou, o jovem Dostoiévski dá pistas do que se tem de melhor nele e na literatura: instalar a contradição.

O final é triste e bonito.

ALLENDER BARRETO LIMA DA SILVA

Acompanhei por muitos anos a coluna semanal de Contardo Calligaris na Folha de São Paulo. Entre concordâncias e divergências, nunca deixei de procurá-lo.

Contardo surpreendia o binômio certo x errado, belo e feio, céu e terra. Aguardava a ótica de Calligaris sobre qualquer fato da semana, esperando mudar de opinião. Nos últimos anos, todavia, ante a barbárie instalada no Brasil, já antevia nossa concordância. E mesmo na concordância, ficava à sua espera. É que me deleitava o sabor de ser surpreendido com aquele olhar que sempre furava o real...

Contardo Calligaris era um intelectual denso, mas não vivia e nem pensava nas e das alturas. O cotidiano era a matéria prima das suas reflexões. Talvez ele tenha me ajudado a compreender que Psicanálise, Filosofia, Direito e Literatura estão imbricadas no real, e não é possível fazer uma separação muito estanque entre essas áreas. Porque a vida é linguagem. Na esquina, no açougue e na padaria tudo incide e tudo acontece...

Após dois anos de sua morte, leio suas últimas palavras “O Sentido da Vida”. Rememorando um diálogo com seu pai, que lutou contra o fascismo na Itália, Calligaris explicita as pistas dadas por ele para a compreensão de que a luta antifascista era também estética. E mais do que isso. Relacionando o sentido da vida com a indefinição da obra de arte, Calligaris introduz o componente estético à vida. Ao entender a felicidade como algo fugaz e até artificial, Calligaris fala que o importante é fazer dela – a vida – algo interessante.

Enfim, o trivial como potência do belo.

Obrigado, Calligaris.

ALLENDER BARRETO LIMA DA SILVA

Prefeito de Palmeiras dos Índios e um dos maiores escritores de língua portuguesa.

Há muito afastado da leitura de biografias, fui fisgado pelo olhar penetrante de “O Velho Graça” em uma das estantes da Livraria Quixote que não me permitiu o mero relance, fixado, devolvi o olhar, aproximei, tomando-lhe às mãos.

É que a vida de Graciliano Ramos, conhecida por textos esparsos, sempre me despertou interesse e curiosidade. E ao manusear a matéria-livro e deparar-me com o prefácio escrito por Carlos Nelson Coutinho, teórico tão importante na minha formação política, já me via tomado e invadido por esta obra cuja força já transpunha ali uma lista enorme de livros na fila.

O Velho Graça e o humanismo austero. Há uma ideia corrente que associa toda expressão humanista à emoção verborrágica, à sensibilidade dos frágeis e ao lirismo pueril. Tanto no exercício da palavra, quanto no seu dever no mundo, passando pela militância política, se eu pudesse lançar mão de uma palavra-síntese para defini-lo seria austeridade.

Graciliano foi um artesão rigoroso da palavra, enxugava a água que escorria do texto, afastava as gorduras da língua, cortava os excessos caudalosos da carne para chegar ao âmago de uma linguagem seca e ósea. Homem público severo, militante histórico do PCB, disciplinado e metódico manteve-se leal ao partido, mesmo quando pessoalmente tornou-se um agudo crítico do stalinismo.

Sua pena não cedeu ao proselitismo dito revolucionário, tão pernicioso para a estética literária; todavia, ao retratar a dureza do real, a angústia da existência e a vida seca dos despossuídos, com as suas vicissitudes e contradições, fez revolução.

As surras da infância, o contato com a agruras do povo como comerciante, a prisão sem inquérito/processo e a precariedade econômica de um escritor já reconhecido no meio literário, constituíram em Graça um eu pesado consigo mesmo e outro eu comprometido com as lutas sociais. Ambos rigorosos.

Um livraço do professor Dênis de Moraes, biógrafo de tantas personalidades das lutas sociais! Por coerência e integridade, marcas da vida do Velho Graça, sua biografia não poderia deixar de ter o selo da grande Boitempo.

DUARTE BERNARDO GOMES

Falar da pós-modernidade terá sempre alguma coisa de curiosidade, não só, mas de um desejo irreprimível de conhecer os segredos, os desvelamentos, o descortinar do falto e do vazio.

Um conceito muito genérico que marca a nossa época e de onde despencaram em ruínas todas as ideologias, de onde se introduziram os aniquilamentos dos conceitos de Estado porque perderam a substância da completude de soberania, de autoridade e de nação.

Hoje não temos mais um inimigo visível como nos tempos da guerra fria, por exemplo, nós não sabemos com quem lutar, nós não conhecemos os responsáveis pelas misérias, pelos desencantamentos, pelas perversões e pelos desregramentos.

Sabemos que há tudo isso, vivemos apenas as consequências, mas não sabemos o teor das causas reais, somente imaginamos. Nós nos colocamos no lugar de um samurai vendado que luta com o inimigo imaginário para ganhar perspicácia e senso de espaço e tempo.

Nossa realidade é artificial e gira na velocidade da fibra óptica, da internet. Nós procuramos, cada vez mais, aquilo que é instantâneo, aquilo que é efêmero, portanto, aquilo que não é real e é por essa razão que nos sentimos mais seguros atrás de uma tela de computador, atrás de uma *webcam*, por sobre o visor de um celular, pois inseridos nessas comunicações virtuais, não precisamos ser quem realmente somos.

Somos personagens!

E quando estivermos em frente àquilo que não contém nada? Quando estivermos tomados pela insignificância dos momentos e precisarmos da urgência do esclarecimento para o nosso descobrir dos pontos desconcertantes das ilusões e de seus enigmas? Também quando nós nos encontrarmos numa situação de completo desamparo intelectual em face de uma educação formatada e de matriz autoritária? Ou quando o espelho nos refletir as maiores e mais absurdas dúvidas com o medo que nos assombra e sempre nos acompanha, o que temos a fazer?

A saída triunfal é tornarmos aos clássicos:

Aqui, apenas um rol exemplificativo: Tucídides, Homero, Hesíodo, Sófocles, Platão, Aristóteles, Virgílio, Marco Aurélio, Cícero, Santo Agostinho, Dante, Maquiavel, Camões, Montaigne, Descartes, Cervantes, Shakespeare, Molière, Bacon, Hobbes, Spinoza, Kant, La Rochefoucauld, Voltaire, Rousseau, Hume, Goethe, Balzac, Flaubert, V. Hugo, Max Weber, Anatole France, Dickens, Dostoiévski, Tolstói, Schopenhauer, Nietzsche, Júlio Verne, Durkheim, Whitman, Bergson, Spengler, Oscar Wilde, Marcel Proust, Wittgenstein, Marx, Freud, Darwin, Karl Hahner, Jung, Allan Kardec, Camille Flammarion, Léon Denis, Mircea Eliade, Hannah Arendt, Aldous Huxley, Paul Ricoeur, Lèvinas, Ian Fleming, Franz Kafka, Ortega y Gasset, Jacques Lacan, Sartre, Simone Beauvoir, Foucault, Edith Stein, Zygmunt Bauman, Saint Exupéry, Ian Stevenson, Piaget, Pablo Neruda, García Lorca, García Marques, Fernando Pessoa, Bertrand Russell, Machado de Assis, Rui Barbosa, Castro Alves, Cruz e Souza, Olavo Bilac, Euclides da Cunha, Aluísio de Azevedo, José de Alencar, Lins do Rego, Mario de Andrade, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Raquel de Queiroz, Oswald de Andrade, Graciliano Ramos, Cecília Meireles, Gilberto Freire, Jorge Amado, Manuel Bandeira, Pontes de Miranda, Monteiro Lobato, Sérgio Buarque de Holanda,

Carlos Drummond, Mário Quintana, Adélia Prado, Érico Veríssimo, Dias Gomes, Raymundo Faoro, José Saramago, Henrique Cláudio de Lima Vaz, Luiz Gama e outros de mesma magnitude saberão nos explicar e nos conduzir no percurso dos descaminhos pós-modernos.

Ler os clássicos, porque eles são atemporais, atemporais porque foram escritos por gênios e gênios não escrevem para a sua época, escrevem para sempre. Somente essas leituras nos possibilita a compreensão deste tempo confuso e desordenado em que caminhamos, desse tempo em que o entendimento de que a moralidade é subjetiva e que uma abordagem do que é certo ou do que é errado é uma questão absolutamente preferencial das pessoas...Tempos difíceis.

Outros tempos até mais difíceis foram superados e os autores clássicos foram de fundamental importância para essas percepções e para localizar-nos no mundo. Eles são o farol a guiar-nos em águas distantes dessas tormentas culturais em que vivemos.

BREVES TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE
FRANCISCO PASCOAL DE ARAÚJO,
O INESQUECÍVEL POETA DE ANDRELÂNDIA

MARCOS PAULO DE SOUZA MIRANDA



Filho de Francisco Bernardino de Araújo e de Maria da Conceição de Carvalho, Francisco Pascoal de Araújo nasceu na Fazenda Retiro dos Dois Irmãos, em Madre de Deus de Minas, no dia 14 de janeiro de 1925.

Fez seus primeiros estudos nas cidades de Madre de Deus de Minas e São Vicente de Minas. Em seguida estudou nas cidades de São João Del Rei, Juiz de Fora e, finalmente, em Belo

Horizonte, onde bacharelou-se em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Ingressou no Ministério Público de Minas Gerais no ano de 1959.

Foi Promotor de Justiça durante vinte e seis anos nas Comarcas de Itumirim, Aiuruoca, Andrelândia e Itabira.

Na tribuna do Júri no Sul de Minas, onde brilhava a sua oratória, teve oportunidade de rivalizar, por diversas vezes, com o afamado poeta Dantas Mota.

Poeta, compositor e escritor, foi ainda professor de português e literatura nos Colégios São Boaventura e Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento, em Andrelândia, onde contribuiu decisivamente para a formação cultural de centenas de alunos, muitos ainda hoje saudosos das lições do simpático e culto mestre.

Cronista, espirituoso contador de “causos”, foi autor dos livros “A música do sangue” e “Os homens de Terno Caqui”.

Autor da letra do Hino do Centenário de Andrelândia (1966), que assim se inicia:

*Para o alto, para o alto,
para o alto é nosso lema,
para o alto, meu torrão;
quero, então, na hora extrema,
aqui deixar meu coração.*

Foi casado com Nair Rezende de Araújo, de tradicional família andrelandense, com quem teve seis filhos.

Faleceu no dia 15 de dezembro de 1993 e foi sepultado no Cemitério de Andrelândia.

Na Praça Visconde de Arantes, , bem ao lado do Fórum, em justa homenagem prestada pelo povo andrelandense, foi erguido um busto em memória do inesquecível professor, poeta e Promotor de Justiça Francisco Pascoal de Araújo, patrono da Cadeira nº 12 da Academia de Letras do Ministério Público de Minas Gerais.

UAI, UÉ ! DE ONDE QUE O TREM É ?
Possíveis origens de alguns falares mineiros

MARCOS PAULO DE SOUZA MIRANDA

- *Uai, que trem bão é esse?*
- *Ué, é queijo, sô!*

Um colóquio de conteúdo como o acima transcrito seria coisa por demais comum nas Minas Gerais, estado notoriamente conhecido pelo falar peculiar de seu povo, a ponto de já existirem no mercado editorial do país alguns Dicionários de Mineirês¹, que revelam o significado de palavras e expressões tais como: arreda, cascar fora, fingir de égua, tem base, entre muitas outras.

Mas verdadeiro signo identificador do vocabulário mineiro é a palavra “uai”, que, pelo seu uso reiterado, sempre desperta a curiosidade dos forasteiros, e estes, ao indagarem o significado da expressão aos naturais da terra, não raras vezes recebem como resposta: **“uai é uai, uai !”**

Outras palavras que figuram como contumazes companheiras de “uai” são “ué” e “trem”, que formam uma das mais tradicionais tríades cristalizadas no linguajar montanhês.

Mas onde repousariam as origens históricas dessas palavras? Seriam heranças linguísticas deixadas pelos antigos povoadores ou criação recente dos nativos das Minas?

¹ MOTA, Carlos. Dicionário Fanadês, Jequitinhonhês e Mineirês. Stephanie. 2008.
ARAÚJO, Pedro. Dicionário de Mineirês. Belo Horizonte: Tumate Cru. 2024.
FERNANDES, Elmo. Dicionário Mineirês Descomplicado. 2024.



Vejamos.

Sobre “uai” são várias as especulações a respeito da palavrinha usada para exprimir espanto, surpresa, admiração, dúvida, impaciência; como um recurso para retardar a resposta, marcando um tempo para reflexão, e mesmo para reforçar o que foi dito anteriormente, como se se estranhasse a dúvida do interlocutor, afinal de contas mineiro não é homem de duas palavras, uai !

Uma hipótese já levantada como possível origem da interjeição “uai” é que ela seria uma transposição do inglês “why” (por que) para o português, como consequência do contato dos mineiros com os imigrantes ingleses, no século XIX, tendo começado em Nova Lima, com a ida de trabalhadores para a Mina de Morro Velho, por volta de 1834².

Contudo, a presença de ingleses em Minas Gerais se deu em poucas regiões e em tempos mais recentes, quando as Minas Gerais já eram conhecidas e habitadas há mais de um século, com um vocabulário local bem assentado. Ademais, nem sempre faz sentido trocar “uai” por “por quê”, constatação que enfraquece a tese do empréstimo lexical oriundo da língua de Shakespeare.

² ALBUQUERQUE, Iara Maria Barbosa Lages. Hipóteses sobre a origem de uma expressão. In: RAMOS, Jânia M. COELHO, Sueli Maria (Org.). Português brasileiro dialetal: temas gramaticais. Campinas: Mercado de Letras. 2013. p. 11-19.

Em razão da existência de uma serra com a denominação de “Uaimi-i” na região de Ouro Preto (na região de Glaura), chegamos a aventar a possibilidade da origem indígena da expressão “uai”, hipótese que descartamos logo ao constatarmos que se tratava de uma mutação da expressão Guaicuy (ou Gwaimi-y³), que era como os povos indígenas se referiam ao Rio das Velhas (o rio das velhas tribos), que, não por acaso, passa no sopé da serra à qual nos referimos.

Recentemente aprofundamos nossas pesquisas nos antigos falares do Reino de Portugal, onde encontramos pistas que parecem nos ajudar a compreender a origem da tradicional tríade à qual nos referimos acima.

No Dicionário de Falares dos Açores⁴, para nossa surpresa, logramos encontrar o verbete “uai” que, segundo o autor, constitui uma interjeição com significado de exclamação de espanto, estando presente, inclusive, na obra denominada Pastorais do Mosteiro, de autoria do Padre Nunes da Rosa, onde se lê: “*Uai! Uai! Louvado seja Deus!*”.

Já para o “ué”, encontramos o verbete assimilado “uei”, como uma exclamação característica da Ilha das Flores, também usada na Ilha do Corvo, com o sentido de “Oh!”, podendo exprimir um reforço do que vem a seguir (Uei sim! = claro, certamente), além de indignação (Uei homem !). Segundo o autor, a região do Douro, em Portugal continental, também faz uso da referida interjeição.

Vale destacar que, na primeira metade do século XVIII, do Arquipélago dos Açores (constituído por nove ilhas e, ainda hoje, possessão portuguesa) vieram muitos milhares de imigrantes

³ Em tupi-guarani, “gwaimi” quer dizer “velha” e “i” final significa “rio”.

⁴ BARCELOS, J. M. Soares de. Dicionário de Falares dos Açores. Vocabulário regional de todas as ilhas. Coimbra: Almedina. 2008. p. 567.

para as Minas Gerais, em razão das fabulosas notícias que lá chegavam sobre o ouro que aqui abundava. Boa parte dos açorianos acabou se fixando nas regiões do Sul de Minas, Zona da Mata e Campo das Vertentes, constituindo um dos principais troncos genealógicos da antiga Comarca do Rio das Mortes, sediada na Vila de São João del-Rei, uma das mais extensas da Capitania.

O encontro das expressões “uai” e “uei” no vetusto vocabulário açoriano, de onde proveio grande parte dos primeiros povoadores de Minas Gerais, nos faz crer que esteja naquele arquipélago as origens dessas palavras hoje cristalizadas no vocabulário do povo mineiro.

Já no que diz respeito à palavra “trem”, segundo o jocoso Dicionário Mineirês, de Paulo Araújo, para os mineiros tal palavra pode significar absolutamente qualquer coisa, incluindo objetos (v.g., Pode trazer aquele trem ali para mim?) ou comida (v.g., Estou com vontade de comer um trem doce hoje).

Fato é que no falar mineiro a palavra trem é polissêmica e não guarda, necessariamente, correspondência com o trem de ferro, que chegou às Minas somente na segunda metade do século XIX, quando nosso vocabulário já estava bastante sedimentado.

Em nossas pesquisas fomos buscar o seu significado em um dicionário português publicado em Lisboa no ano de 1789⁵, onde aparece o verbete “trem” com o significado de “a bagagem que acompanha alguém de jornada”.

Também descobrimos um documento escrito por volta de 1750 pelo bandeirante Bento Fernandes Furtado em que ele narra a chegada, na região de Ouro Preto, dos primeiros aventureiros em busca do ouro, afirmando que a maior parte deles eram pobres

⁵ Dicionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau / reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. - Lisboa: na officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

e vinham sós, “com o seu limitado *trem* às costas”⁶, o que demonstra o uso da palavra “trem” nas Minas desde a sua descoberta.



Bandeirante com um “trem” a tiracolo

Ou seja, *trem*, para os antigos portugueses, compreendia todas as coisas que eram levadas na bagagem dos viajantes (o que, aparentemente, inclusive explica o uso da expressão *trenheira* pelos mineiros, com o significado de “montoeira de coisas”, na maioria das vezes desnecessária).

Assim, descoberta sua origem, fica explicado etimologicamente que *trem* significa coisa, ou seja, quase tudo o que existe ou possa existir, de natureza corpórea ou incorpórea, o que justifica a sua larga utilização.

Depreende-se de tais assertivas que, longe de serem expressões caipiras ou incultas cunhadas em tempos recentes, as tradi-

⁶ MATOSO, Caetano da Costa. *Códice Costa Matoso*. Coleção das notícias dos primeiros descobrimentos das minas na América. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. 1999. Vol. I, p. 185

cionais e singulares palavras *uai*, *ué* e *trem* possuem suas origens nos antigos falares portugueses, o que demonstra que os mineiros souberam preservar, de forma particular, a autenticidade das heranças linguísticas recebidas de seus ancestrais e que hoje podem ser consideradas legítimas integrantes do patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais.

MARCOS PAULO DE SOUZA MIRANDA

Entre os anos de 1896 e 1897 ocorreu, no interior da Bahia, a chamada Guerra de Canudos, ocasião em que o Exército Brasileiro e as forças públicas de diversos estados enfrentaram milhares de seguidores do beato Antônio Conselheiro, que liderava um movimento antirrepublicano armado e tinha a intenção de restaurar a monarquia no país.

As três primeiras expedições das forças legalistas enviadas a Canudos sofreram fragorosa derrota, havendo centenas de soldados mortos pelos jagunços de Antônio Conselheiro, o que motivou a necessidade de envio à região de reforços oficiais de várias partes do Brasil.

Dentro de tal contexto, em 04 de agosto de 1897, atendendo a convocação do Governo Federal, o governador do Amazonas, Fileto Pires, enviou para Canudos o 1º Batalhão de Infantaria do Regimento Militar (Batalhão Amazonas), integrado por 273 homens fortemente armados que se deslocaram ao território baiano em navio, passando por Belém, São Luiz do Maranhão e Recife.

Segundo Roberto Mendonça, autor do livro *Cândido Mariano & Canudos*, a campanha do batalhão amazonense foi:

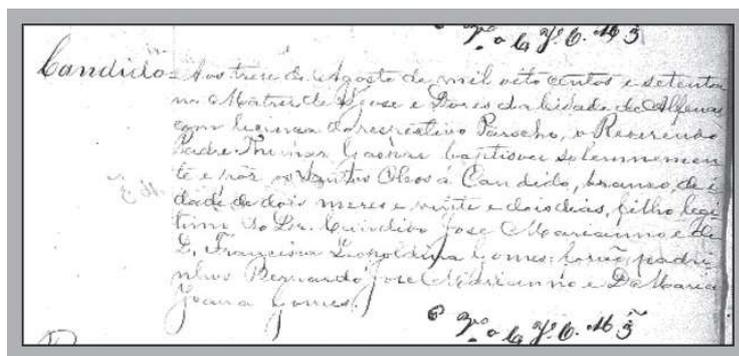


Batalhão Amazonas em Canudos.
Ao centro o Comandante Cândido José Mariano, mineiro de Alfenas

“uma demonstração de coragem, disciplina e heroísmo de nossos antepassados, os quais em condições adversas do terreno lutaram em território hostil e desconhecido, contra forças movidas pelo fanatismo desvairado e amplamente conhecedor da situação terrena da localidade” e “durante os sangrentos combates entre os rebeldes e a tropa regular, muitas vidas foram ceifadas. Finalmente, em 5 de outubro, a campanha vitoriosa chegou ao fim, tendo o 1º Batalhão de infantaria da Força Estadual, retornado à capital amazonense, desembarcando aqui em 8 de novembro de 1897. Na ocasião, foi recebido e homenageado por numerosa plateia na tradicional Praça da Polícia, em uma emocionante manifestação popular ocorrida no estado do Amazonas”.

Fato particularmente interessante para nós é que o Batalhão Amazonas, que participou diretamente da tomada de Canudos, foi comandado pelo Tenente-Coronel Cândido José Mariano, natural do sul de Minas Gerais, que teve destacada atuação no conflito e cujo nome está, inclusive, registrado nas páginas do épico “Os Sertões”, de Euclides da Cunha.

Em nossas pesquisas arquivísticas tivemos a oportunidade de encontrar o registro de batizado de Cândido em Alfenas, em 13 de agosto de 1870, conforme documento abaixo reproduzido:



Registro de batizado de Cândido na Matriz de Alfenas em 13 de agosto de 1870

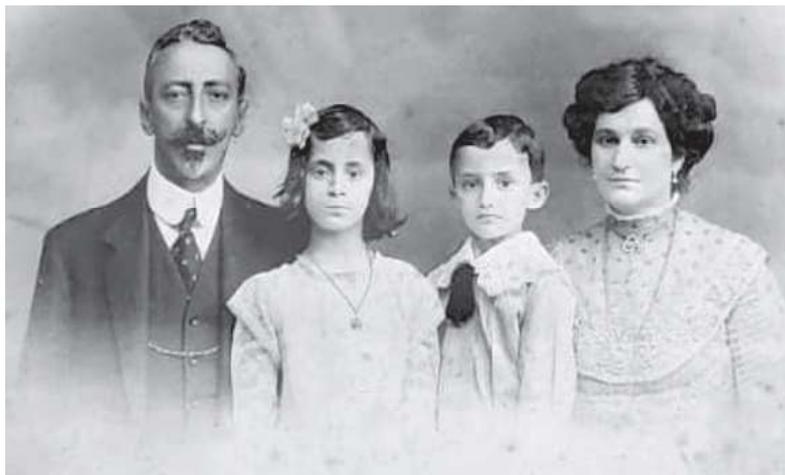
O bravo comandante era filho dos campanhenses Dr. Cândido José Mariano Júnior (filho de Capitão Cândido José Mariano e Anna Xavier da Veiga) e de Dona Francisca Leopoldina Gomes (filha de Antônio Joaquim Gomes e de Rita de Cássia Gomes), e nasceu em 22 de maio de 1870 na cidade de Alfenas.

Com apenas quinze anos de idade foi para o Rio de Janeiro, onde obteve formação militar e alcançou o posto de alferes do Exército Brasileiro em 1889.

Na sequência matriculou-se na Escola Superior de Guerra, onde obteve o grau de Engenheiro Militar no ano de 1896.

Em 09 de setembro de 1896 o Ministério da Guerra colocou Cândido José Mariano à disposição do governo do Amazonas para comandar a força policial daquele Estado, onde desembarcou no fim do mesmo mês, iniciando suas atividades com extremo denodo e profissionalismo.

Em 1897 casou-se em Manaus com Fanny Ribas, natural de Pelotas-RS, filha de João Rodrigues Ribas e Camila Paquet Ribas, com quem teve os filhos Lucy Ribas Mariano (1901-1994) e Floriano Ribas Mariano (1903-1960).



Cândido José Mariano ao lado dos filhos e esposa

Cândido Mariano faleceu no Rio de Janeiro em 21 de novembro de 1941 e foi sepultado no cemitério São João Batista.

O nome do ilustre mineiro, que lutou bravamente contra os sediciosos de Canudos, deve ser lembrado com orgulho por seus conterrâneos.

Fontes pesquisadas:

MENDONÇA, Roberto. Cândido Mariano & Canudos. 2ª edição. Edição do autor. Manaus. 2017.

Livro de batizados da Matriz de São José e Nossa Senhora de Alfenas – 1864-1870 – p. 191.

DOIS “VELHOS ARGUMENTOS SOBRE A EXISTÊNCIA DE DEUS

VINICIUS ALCÂNTARA GALVÃO

*“A coisa mais incompreensível sobre
o universo é que ele é compreensível.”*
(Albert Einstein)

Sempre tive em mente que o mais importante em um debate, seja em um processo judicial, ou em um Congresso de Física Quântica, é a interpretação e a tolerância que se admite em relação aos dados, que são razoavelmente aceitos dentro de uma determinada área de conhecimento.

Enquanto o cientista, ou grupo de cientistas (o que é bem mais comum hoje em dia) ainda está pesquisando uma matéria, o assunto, fica, digamos, mais confinado a um grupo seleto de especialistas, mas a partir do momento em que a hipótese recebe o ok ou aval da comunidade científica, a ideia se espalha, e entra em um diálogo aberto com outros ramos, como a Literatura, a História, e, principalmente, a Filosofia da Ciência.

É dentro desse cenário que penso nos velhos argumentos cosmológico e da finalidade (agora repaginados pela Ciência moderna), e que em tese, serviriam para se provar ou não, a existência de Deus.

O argumento cosmológico diz que tudo o que existe provém de uma causa (já que o nada não pode gerar consequências), e esse raciocínio escalonado, segundo Aristóteles, iria até o Motor

Imóvel (uma espécie de entidade metafísica) que daria suporte a toda realidade. Voltaremos em breve a este ponto.

Já o argumento da Finalidade (agora renomeado de Ajuste Fino), que antes por influência de Willian Paley tinha na analogia do relógio sua principal referência, hoje centra suas baterias nas surpreendentes afinações que marcam o nível mais profundo da existência.

Aqui a menção a dados e números é fundamental para termos uma ideia mais clara sobre o assunto.

A fronteira ou limite do conhecimento humano está no Big Bang, que ocorreu “há 13,73 bilhões de anos, com uma margem de erro de apenas 120 milhões de anos, o que em cosmologia não é muito (um erro de menos de 1%)”⁷. Neste momento, toda a matéria e energia existentes estavam comprimidas em um ponto incrivelmente diminuto, e com uma densidade que tendia ao infinito. A partir de então, o Universo está em expansão, podendo ter ocorrido, hipoteticamente, uma fase de dilatação acelerada (chamada inflação), durante as primeiras frações de segundo.⁸

A Cosmologia atual, com um nível sofisticado de confiabilidade, consegue chegar até um marco temporal bem específico: 10^{-32} (que representa um trilionésimo de bilionésimo de segundo), quando todas as 4 forças da natureza: força forte – que mantém prótons e nêutrons unidos no núcleo do átomo, força fraca, eletromagnetismo e gravidade ainda estavam unidas.⁹

Este é digamos o limite, ou muro, e não se pode dizer precisamente o que “existia” antes desse marco, já que a ideia é de que o próprio tempo teria surgido com o Big Bang.

⁷ GLEISER, Marcelo. Criação Imperfeita: Cosmo, Vida e o Código Oculto da Natureza”, editora Record. Rio de Janeiro, 2010, pág. 101.

⁸ GLEISER, obra citada

⁹ Astrofísica explica o que existia antes da origem do Universo. Roberta Duarte. Youtube- Cortes do Lutz Oficial

O incrível é que o Universo, que teve início a partir de uma Singularidade, e de uma expansão titânica, possui regularidades extremamente precisas. O prof. De Cambridge, e astrônomo Real da Coroa Britânica, Martin Rees, no livro: “Apenas seis números” descreve em detalhes o nível destas constantes físicas. Um desses dados mais espantosos é o referente à Constante Cosmológica. Na escala macroscópica, o Universo é dominado pela Gravidade, e no começo do século XX, Einstein entendeu que deveria existir uma espécie de antigravidade, a que chamou justamente de Constante Cosmológica, que agiria com igual força e intensidade, só que oposta, e impediria que o universo se colapsasse pela ação atrativa das forças gravitacionais.¹⁰

Depois, Einstein se autopenitenciou pelo que considerou o maior erro de sua vida, até que em 1998 a Ciência descobriu que essa força existe, (não no valor pensado anteriormente, mas sim no de um zero, seguido de uma vírgula, 120 zeros, e ainda acrescentado do numeral um, gerando o espantoso número de: 10^{120})

Essa é a energia que contrabalança a gravidade e mantém o Universo coeso. Se ela fosse um pouco mais fraca, não impediria a gravidade de juntar toda a matéria; se fosse mais forte, desagregaria as estruturas e impediria até a junção de partículas elementares.¹¹

O Universo, portanto, está equilibrado num curtíssimo fio de navalha entre a Gravidade e a Constante Cosmológica.

Para se ter uma ideia do quão espantoso esse número é, vejamos um dado: o corpo humano possui cerca de 8 octilhões de átomos, e se somarmos todas os átomos existentes no Universo

¹⁰ HALPERN, Paul. *Fronteiras do Universo*, tradução de Aleph Teruya Eichemberg e Fernanda Helena Silva Bordon, editora Cultrix, São Paulo, 2015, pág. 65.

¹¹ O ajuste preciso do Universo. Willian Lane Craig. Youtube.

conhecido (93 bilhões de anos-luz de diâmetro¹², chega-se ao número: 10^{82} .¹³ Sim. A Constante Cosmológica está muito acima disso. Essa é a sua indescritível escala de precisão.

Uma outra constante, também mencionada por Rees descreve o processo afinado que ocorre no interior das estrelas:

“Assim, o combustível do Sol- o gás hidrogênio em seu caroço central – converte 0,007 de sua massa em energia ao ser usada para a fusão do hélio. É essencialmente este número que determina a duração das estrelas...

E se esse número fosse igual a 0,006 ou 0,008 nós não poderíamos existir.”¹⁴

Além dessas e outras constantes, existem ainda pelo menos mais duas ordens espantosas de regularidades.

A 1ª diz respeito às condições iniciais do Universo (ou seu estado de baixa entropia). O Físico Marcelo Gleiser relata que “em torno de um segundo após o ‘bang’, para cada um bilhão e uma partículas de matéria deveria haver um bilhão de partículas de antimatéria.”¹⁵ E considerando que elas possuem cargas elétricas opostas e se repelem mutuamente, “se tivessem coexistido em quantidades iguais durante a infância cósmica, teriam se aniquilado em radiação gama de forma tão eficiente que, hoje, o Universo consistiria principalmente em um banho de radiação. A vida, nesse caso, seria impossível.”¹⁶ “E isso leva a uma conclusão extremamente importante para nós: a existência de matéria, da qual tudo o que existe é composto, depende de uma imperfeição

¹² HALPERN, Paul. *Fronteiras do Universo*, tradução de Aleph Teruya Eichenberg e Fernanda Helena Silva Bordon, editora Cultrix, São Paulo, 2015, pág. 34.

¹³ gaiaciência.com.br. Quantos átomos existem no Universo Observável? Fonte: google

¹⁴ REES, Martin. *Apenas Seis Números: as forças profundas que controlam o Universo*, tradução de Walter Junqueira Maciel, ed. Ciência Atual Rocco, Rio de Janeiro, 2000, págs. 57 e 14).

¹⁵ GLEISER, obra citada, págs. 171/172.

¹⁶ GLEISER, obra citada, pág. 170.

(e um ajuste, grifo nosso) primordial: a assimetria entre matéria e antimatéria”.¹⁷

A 2ª regularidade é referente ao fato de que o Universo é regido por leis matemáticas extremamente precisas. O prêmio Nobel de Física, Roger Penrose, destaca que, ao vermos, por exemplo, uma sala, podemos nos atentar para os aspectos referentes às cadeiras, quadros e mesas, mas se fizermos uma leitura mais profunda, veremos que na verdade esses objetos são formados por prótons, nêutrons e elétrons, que são regidos por equações matemáticas superlativamente ajustadas.

Respondendo à pergunta, se a Matemática existe desde sempre ou foi inventada, ele se posiciona claramente a favor da primeira opção. Para ele, independentemente da realidade física, a matemática possui uma existência concreta e real, e se localiza numa espécie de Mundo Platônico.¹⁸ Penrose divide a totalidade entre o Mundo Físico, O Mundo Mental e o Mundo Matemático (que considera um grande mistério).¹⁹

Ora, todos esses dados sugerem 3 respostas ou conclusões:

1ª) Diante deste espantoso grau de precisão, surgido após uma expansão titânica, a constatação mais óbvia e direta é que o Universo necessariamente foi projetado. E aqui fala-se em Deus, Design Inteligente, e, também em outras possibilidades, como a de que vivemos imersos numa simulação de computador, ou fomos criados por uma civilização super-avançada (o Filme 2001: Uma Odisseia no Espaço, e sua continuação: 2010, exploraram este filão).

¹⁷ GLEISER, obra citada, pág. 172.

¹⁸ Roger Penrose: Mathematics and what exists: Episode 2210/Closer to Truth- Youtube.

¹⁹ Podcast: The Big Conversation: Sir Roger Penrose and William Lane Craig -youtube.

Levando “apenas” em consideração as Condições do Universo Inicial, Penrose, no livro: “The Road to Reality” calculou que a chance de o acaso produzir uma Realidade tão bem ajustada quanto a nossa é de $10^{10 \text{ v } 123}$ (um número assustadoramente monstruoso).²⁰

A análise do ajuste fino também é aplicada hoje em dia para se mensurar as perspectivas do surgimento da vida na Terra. O Darwinismo causou um abalo tremendo nas ideias religiosas. E é fácil entender isso, já que antes predominava o entendimento de Paley de que a vida era um instrumento tão preciso quanto um relógio, e, portanto, só podia ter sido criada por Deus. Darwin, por sua vez, mostrou que as espécies evoluem, em um processo “aleatório” de seleção natural, tornando dispensável a justificativa de um Design. De repente, Deus começou a ser destronado. Marx o via como o ópio do povo; Freud, como uma mera ilusão; e Nietzsche alardeava, aos quatro ventos, tanto a morte de Deus quanto a decadência do cristianismo. Mas as análises matemáticas se mostrariam importantíssimas também nessa área. O filósofo da Ciência, Stephen Meyer, no livro: “A Dúvida de Darwin” mostrou que a descoberta da molécula do DNA, nos anos 1950, por Watson e Crick (em forma de dupla hélice) revolucionou a biologia, deixando claro que, antes de qualquer coisa, a vida é baseada em uma intensa e sofisticada transmissão de informações. Diz Meyer que as unidades básicas da vida

“funcionam como caracteres alfabéticos em uma linguagem escrita em caracteres... o que importa é seu arranjo, de acordo com um código independente que foi descoberto mais tarde, chamado genético, portanto, dentro da molécula de DNA o que temos literalmente são informações ou instruções inscritas digi-

²⁰ www.islareligion.com. Ajuste fino do Universo - youtube.

talmente ou em ordem alfabética tipográfica de uma forma que fornece as explicações necessárias para construir as proteínas importantes.”²¹

Meyer compara o código genético, com o software de um programa de computador, e diz que a aleatoriedade, tanto em um caso, quanto noutro, degradaria rapidamente as informações, e, logo em seguida, toda a inteligibilidade do sistema. Daí vem a estimativa de que a chance de uma proteína se formar, ao acaso ou aleatoriamente é de 10^{77} . (outro número absurdamente imenso).

O ex-diretor do Projeto Genoma, Francis Collins, também compartilha desse mesmo assombro:

“Como químico, sabendo como são de fato extraordinárias as qualidades do DNA e como é brilhante a solução ao problema de codificar o esquema da vida, fico estupefato diante dessa molécula...Como uma aproximação inicial, podemos, portanto, pensar no DNA como um manual de instruções, um programa de software, colocado no núcleo da célula...Uma instrução particular, conhecida como gene, é construída por meio de centenas ou milhares de letras de um código...”²²

2ª) Se estamos aqui, é porque as condições foram favoráveis à vida. Essa observação é chamada de Princípio Antrópico Fraco. O Universo, portanto, seria apenas um fato bruto.

3ª) A hipótese do Multiverso (aqui dobra-se a aposta em relação à Matemática). São várias as teorias que abordam o assunto, como a das Cordas, da Criação de Muitos Mundos da

²¹ Stephen Meyer: DNA and Information: Science Uprising. Youtube.

²² COLLINS, Francis. A Linguagem de Deus: Um cientista apresenta evidência de que Ele existe. Editora Gente, 2ª edição, 2007, São Paulo, págs. 108/109.

Mecânica Quântica, e da Inflação Eterna. Os teóricos das Cordas, por exemplo, entendem que a existência da Constante Cosmológica só pode ser entendida se considerarmos que existem zilhões e zilhões de universos, (e que a maioria deles é totalmente inóspita à vida), e que por mera probabilidade, já que a realidade alcança o número de 10^{500} universos, vivemos em um que possui as condições adequadas à nossa existência.²³

O problema dessas teorias todas (Cordas, Inflação Eterna e Muitos Mundos) é que elas não poderiam ser testadas empiricamente. Para se produzir, por exemplo, a energia necessária para gerar uma corda, seria preciso construir um acelerador de partículas do tamanho da Via Láctea.

Há grandes cientistas que defendem a Teoria das Cordas, como Brian Greene, Michio Kaku e Leonard Susskind, mas também grandes opositores, como Carlo Roveli, Roger Penrose e Sabine Hossenfelder (esta última fez um vídeo que viralizou no youtube: “Why the multiverse is religion, not Science”- Porque o Multiverso é religião, e não ciência – em tradução livre). Sabine questiona o fato de que a Teoria das Cordas, depois de mais de 60 anos de circulação, não possui nenhuma comprovação empírica (e ela, entende que por uma questão de credibilidade, é perigoso a Ciência ficar tanto tempo lidando com conjecturas e especulações matemáticas). Ela também questiona o fato de alguns cientistas tentarem dizer que a existência de gigantescos vácuos forneceria indícios de que houve um impacto entre o nosso Universo e um outro. Aqui, diante dos dados postos à mesa, discute-se o limite das interpretações, o que mostra que as ciências exatas também se transformam em ribalta para intensas e acaloradas discussões.

²³ Closer to Truth- Leonard Susskind- Is the Universe Fine-Tuned for Life and Mind? Youtube.

Também a menção ao Multiverso não afasta, necessariamente, a ideia de Deus, pois isso, a princípio, apenas arrastaria a hipótese para um ponto mais distante, já que a mencionada “máquina do multiverso” também precisaria ser regida por leis e regras bem sintonizadas.

Essas questões todas são realmente intrincadas, e normalmente os cientistas torcem o nariz, e rejeitam a “intromissão” de filósofos e leigos nesta área. Em um debate ocorrido na Austrália, e transmitido pelo Youtube, o físico teórico Lawrence Krauss, em uma discussão com o teólogo William Lane Craig, disse que os filósofos deveriam deixar aos cuidados exclusivos dos cientistas a definição e a história sobre o início do Universo.

A resistência de Krauss se dava em razão do Conceito de Nada. Ele defende que a existência de Deus é dispensável, pois o Universo teria surgido do Nada, já que de acordo com a Física Quântica partículas virtuais aparecem e desaparecem sem uma causa específica. Stephen Hawking, no livro “O Grande Projeto”, escrito em coautoria com Leonard Mlodinow, também cunhou a seguinte frase: “Já que existe a Lei da Gravidade, o Universo pode criar-se a partir do Nada.” No introito do Livro, Hawking já tinha, digamos, chutado a canela dos filósofos, ao dizer que apenas cientistas têm legitimidade para falar sobre o assunto. Esta descortesia acabou lhe rendendo um puxão de orelhas por parte do departamento de Filosofia de Cambridge, onde ele também era professor.²⁴

Mas a tentativa desses eminentes cientistas de descartarem Deus foi duramente criticada, e isso por 2 motivos:

²⁴ LENNOX, John. A Ciência pode explicar tudo?, tradução de Marcelo Gonçalves, 1ª edição, editora Vida Nova, São Paulo, 2021, págs, 48/53).

1º) O limite do conhecimento científico está fixado numa fração de segundos após o Big Bang (10^{-32}), e por isso não é possível afirmar nada sobre a existência de uma Física “antes” do Big Bang. Marcelo Gleiser destacou bem essa limitação.

“Mesmo que um trilionésimo de segundo após o ‘Bang’ seja bem cedo, para investigarmos o que ocorria perto da origem do tempo, isto é, perto de $t=0$ segundo, temos que mergulhar no território da especulação, além da física conhecida. A suposição que somos forçados a fazer é que os métodos que usamos para estudar processos físicos que ocorrem em energias conhecidas permanecem válidos em escalas de energias que ainda não testamos...Devemos, também, evitar especulações que, por avançarem demais no terreno do incerto, não podem ser testadas...”²⁵

2º) O nada, tanto de Hawking quanto de Kraus, está cheio de muitas coisas e atividades, como a Lei da Gravidade e a Física Quântica, e considerando que este conceito (nada) é descrito num sentido absoluto, conclui-se, também, sem a necessidade de muito contorcionismo lógico, que qualquer quantidade, ou porção (ainda que ridiculamente pequena) destrói totalmente a ideia de nada, que teria, necessariamente, para “subsistir”, que ser “absolutamente desprovida de qualquer conteúdo.

Portanto, este não é apenas um mero item linguístico, mas sim uma questão ontológica de primeiríssima grandeza.

Por sua vez, William Lane Craig, que também participou deste debate, desenvolveu o argumento cosmológico kalam. O seu raciocínio gira em torno de uma ideia básica: O universo é eterno ou teve um começo? Até meados do Século XX, sob a influência de Aristóteles, predominou a Teoria do Estado Esta-

²⁵ GLEISER, Marcelo. Criação Imperfeita: cosmo, vida e o Código Oculto da Natureza, editora Record, 2010, Rio de Janeiro, pág. 102.

cionário (que foi defendida por Fred Hoyle até sua morte em 2001) e dizia que o Universo sempre existiu. Spinoza, através da fórmula, de viés panteísta: Deus é a natureza, também era um adepto fervoroso desta ideia.

Mas com a aceitação, quase unânime, pela comunidade científica, de que o cosmo teve um começo há 13,73 bilhões de anos, a história deu uma guinada de 180 graus.

Craig, então, desenvolve o seguinte raciocínio, composto de duas premissas e uma conclusão:

- 1 - Tudo o que passa a existir (e não tudo o que existe), tem uma causa;
- 2 - O Universo passou a existir;
- 3 - Portanto o Universo tem uma causa (e considerando, de forma lógica, que a matéria e energia foram criadas no Big Bang, essa causa, necessariamente, tem de ser imaterial, e situada além do Tempo e do Espaço. Deste modo, ele “chega” aos atributos de Deus).

Talvez a hipótese atual complementar/alternativa ao Big Bang, que goze de mais crédito, seja a da Inflação, que foi criada pelo cosmólogo norte-americano Alan Guth, e diz que nas primeiras frações de segundo após o bang houve uma aceleração de tal forma gigantesca, que o universo saltou das dimensões de uma laranja para o tamanho do sistema solar. Isso explicaria porque o cosmo é tão uniforme, já que para qualquer lado que se olhe se constata uma incrível simetria de espaço e matéria.

A partir desta hipótese, outros teóricos começaram a cogitar a ideia de Inflação Eterna, ou seja, esse processo estaria se repetindo indefinidamente. Mas aqui entra em cena um ponto interessantíssimo.

Guth diz que o universo pode ser eterno, mas apenas em relação ao futuro, já que a “Inflação” pressupõe, necessariamente um começo ou ponto inicial. E aí, nos defrontamos com uma questão fundamental: o que, ou que forças seriam capazes de desencadear a existência? Respondendo a uma pergunta do apresentador Robert Kuhn, Guth diz expressamente que “podemos supor que as leis da física de alguma forma existem antes de qualquer universo existir..., e de onde vêm essas leis da física, pelo que posso dizer, os físicos não têm a menor ideia.” Puxando o fio do novelo, Kuhn, pergunta, mais uma vez boquiaberto, e com ênfase: “Vamos olhar as peças. O que literalmente você precisa para começar um universo?” Guth responde, sem hesitação: “Tem que pressupor, como eu disse, que as leis da física existam.”²⁶

Um conterrâneo de Guth, o também eminente físico teórico Paul Davies diz que seus colegas, normalmente tem se contentado com a ideia de Leis da Física/Matemática como um pressuposto indispensável à existência do Universo. Eles estariam, portanto, para usar uma analogia antiga de que a Terra não cai porque estaria sustentada por uma série indefinível de tartarugas, trocando Deus pelas Leis da Física, como a última peça, ou Tartaruga desta Metáfora.²⁷ É comum alguns dizerem: ‘eu não acredito em Deus, mas acredito nas Leis da Física’, o que não deixa de ser estranho, já que Leis pressupõem ordem e inteligência, e, portanto, ao que parece, é extremamente difícil imaginar a realidade sem algum tipo de ordenação ou inteligência anterior.

A arrogância de alguns cientistas de dizerem que apenas eles têm autoridade para falarem sobre essa matéria, também não faz sentido. Esse assunto não é exclusivamente científico. De forma

²⁶ Closer To Truth. Alan Guth. Why is there anything at all? Part 1- Youtube.

²⁷ Closer to Truth . Paul Davies . Why is mathematics True? Youtube.

nenhuma. É preciso, sim, entendermos o que a cosmologia tem a dizer, mas este é o tipo de discussão que possui uma natureza essencialmente abrangente ou holística, e que se forma com parâmetros da ciência, religiosos, e com conceitos e/ou abstrações inexpugnáveis, como as ideias de infinito, quer seja no tempo ou no espaço. O grande cosmólogo sul-africano, George Ellis, que também é um quaker ativo, diz que quando um cientista afirma, por exemplo, que alguma existe desde sempre, essa fala tem que ser vista com reservas e cuidados, e isso pelo motivo óbvio de que ninguém pode medir o infinito²⁸. Como se vê, esse é um terreno espinhoso, e com limites claros à compreensão humana.

Sempre tive uma queda pela metafísica. A ideia do que é o Nada, e por consequência, do porquê existimos, é, sob todos os aspectos, e de qualquer ângulo que se queira olhar, uma das questões mais instigantes que alcançam o ser humano. E isso tem uma relação direta com a finitude e as intempéries da vida.

Buda dizia que a existência é marcada pelos estigmas da doença, do envelhecimento, dos infortúnios, dos desejos não realizados (o que gera angústia e sofrimento) e pela morte. A pergunta que fica é: existe uma razão para tudo isso, e se não, por que cargas d'água a matéria levantou do Nada para sofrer?

No caminho para encontrar respostas racionais sobre a existência de Deus e o sentido da vida, busquei tanto a leitura de livros, quanto o acesso a transmissões do Youtube que tratam de Cosmologia. Indico o podcast *The big Conversation*, de Justin Brierley, e principalmente, o canal *Closer to Truth* (“à procura da verdade, em tradução livre) em que o apresentador Robert Lawrence Kuhn, um neurocientista aficionado por cosmologia, entrevista os principais cientistas, filósofos e teólogos do mundo

²⁸ Closer to truth. Geroge Ellis. Why is there Anything all? Youtube.

sobre questões como o Ajuste Fino e Por que existe alguma coisa ao invés do Nada.

Nas reflexões que fiz neste artigo, expus algumas referências que encontrei nessa jornada (fundamentalmente para dentro de mim mesmo). Tenho a preocupação de frear o instinto de acreditar apenas por querer acreditar. Para mim, talvez para outras pessoas isso não tenha tanta importância assim, é fundamental entender a chamada racionalidade e o estado atual da discussão. Por isso, fico chocado quando vejo pessoas manifestando sentimentos de deboche e desprezo pela hipótese de Deus. Outro dia, li um artigo da Folha de São Paulo, em que um jornalista famoso, aproveitando uma visita ao Parthenon de Atenas, disse que dentro de algumas décadas as pessoas provavelmente vão olhar para as Igrejas e monumentos religiosos com o mesmo interesse histórico e social que hoje demonstram em relação à mitologia grega, já que a Religião, no seu entender, não passa, pelo visto, de uma fantasia pueril e inconsistente. Imagino que ele, certamente, não está com os olhos fixados nos dados e números que informam a estrutura profunda do Universo. Talvez suas ideias ateístas ainda estejam batendo de frente com os argumentos mais frágeis da religião, como a interpretação literal de textos sagrados, e algumas superstições populares. Deve ser isso, já que diante do Ajuste Fino e da tessitura delicada e profunda da realidade, a ideia de Deus jamais pode ser descartada, já que representa uma alternativa de grande racionalidade.

De todo modo, fico muito mais admirado quando encontro pessoas que manifestam um sentido de respeito e perplexidade diante do Mistério da Vida.

E uma das histórias que mais me impressionou foi a do cientista Wolfgang Pauli, que em 1945 recebeu o Prêmio Nobel de Física.

Sua contribuição intelectual é realmente importante.

“A chave para a explicação de Wolfgang Pauli para os arranjos eletrônicos é o princípio que levará seu nome para sempre: O princípio da exclusão de Pauli. Dois elétrons em um átomo nunca estão no mesmo estado. É um dos grandes preceitos da natureza. Com ele, Pauli consegue explicar como os elementos estão dispostos na tabela periódica e os elétrons nos átomos de gases nobres. Consegue explicar o porquê de a estrutura da matéria ser de determinada forma.”²⁹

Mas Pauli era uma pessoa especialmente controversa. Como diz Hürter:

“ele foi um dos maiores talentos da História da Física. ‘Um gênio comparável apenas ao próprio Einstein, diz Max Born sobre seu aluno, e cientificamente falando, até maior do que Einstein.’ Cientificamente falando- com isto Born quer dizer que, no aspecto humano, ele não tem nada de genial. Pauli vive um conflito com seus colegas, cria inimizades com seu humor amargo, não tem sorte com as mulheres e não traz sorte para elas. Além disso, também sofre com o alcoolismo.”³⁰

“Pauli ganha a reputação de arrogante e tinha sempre uma espécie de honestidade infantil. Dizia sempre sua verdadeira opinião, sem inibição.”³¹

²⁹ HÜRTER, Tobias. A Era da Incerteza: Como os grandes gênios da física moldaram a maneira como vemos o mundo, tradução de Elisabete Koeninger, Ed. Planeta do Brasil, São Paulo, 2022, pág. 246.

³⁰ HÜRTER, obra citada, pág. 239.

³¹ HURTER, pág. 242.

Existia também uma circunstância engraçada, e de certa forma, curiosa, em relação a ele:

“Parece que o azar está sempre ao redor de Pauli. Entre seus colegas, especialmente entre os físicos experimentais, corre a expressão ‘efeito Pauli’. Eles têm uma teoria entre si segundo a qual existe, entre os teóricos e os experimentadores, a ‘lei de conservação da genialidade’. Um teórico genial é um experimentador deplorável, e vice-versa. Wolfgang Pauli é a confirmação da hipótese. Sua genialidade está totalmente concentrada na teoria. Onde Pauli aparece, alguma coisa se quebra, e isso logo se torna uma superstição. Pauli visita um observatório e logo em seguida o grande refrator fica seriamente danificado. Certa vez, em um laboratório em Gottingen, uma construção experimental feita para investigar os átomos colapsa sem motivo aparente...Em Hamburgo, o mais destacado experimentador só falava com Pauli através da porta fechada do laboratório, com medo de que algo acontecesse com seus aparatos.”³²

Mas a vida de Pauli, meio que do nada, entrou em uma espiral alucinada de decadência e alcoolismo. Ele perdeu a mulher para um químico, e depois, num tom amargo de piada, vem a se queixar, exclamando: “mas logo com um químico, será que não tinha ninguém melhor?”. Sua vida foi piorando progressivamente, até que um amigo sugeriu que ele deveria procurar, o mais rápido possível, um tratamento com o psicólogo mais famoso da época, um tal de Jung.

Nada mais distante e oposto ao racionalista de um grande expoente da Física Quântica do que as concepções em estilo Zen e esotérico de Jung, como, por exemplo, as ideias de sincronicidade e inconsciente coletivo. Mas o tratamento, que no começo

³² HÜRTER, obra citada, pág. 243.

parecia patinar, de repente, passou a dar certo, e Pauli conseguiu recobrar os trilhos de sua vida. Os dois estreitaram a amizade, e chegaram a escrever um livro juntos: 'A natureza da Psique.'

Pauli era especialmente impressionado com um aspecto do Ajuste Fino, a chamada Constante de Estrutura Fina, que assinala correspondências eletromagnéticas no mundo atômico numa escala de $1/137$.

"Ambos são também obcecados por números. Pauli investiga a constante de estrutura fina, aquela grandeza básica do universo, frequentemente designada pela letra alfa do alfabeto grego, que indica a força da energia eletromagnética. Seu professor, Arnold Sommerfeld, a definiu como $1/137$. Mas por que justamente 137? Quem ou o que ajustou esse número de tal forma que os átomos e moléculas não desmoronam?

Jung conhece esse número da Cabala. 137! Sim, 137 é a Cabala! No alfabeto hebraico, cada letra está ligada a um número e, quando se somam as letras da palavra 'Cabala', o resultado é 137. Isso não pode ser uma coincidência. Jung e Pauli estão convencidos disso. Os dois continuam especulando. Jung desenvolve uma teoria de sincronicidade, dos eventos relacionados, mas não ligados causalmente. Relações sem causa e efeito? Isso é justamente o que faz os físicos quânticos sofrerem. Consciência e matéria, ondas e partículas, números e a ordem cósmica, arquétipos e teorias da física, de algum modo tudo isso é a mesma coisa..."³³

Mas com a volta da normalidade, os dois acabam se distanciando, embora nunca tenham deixado de trocar correspondências. O tempo passa, até que no dia 05 de dezembro de 1958, Pauli, com dores no estômago é levado às pressas para o hospital

³³ HÜRTER, pág. 251.

da Cruz vermelha. “Ele pega uma senha para ser atendido: ‘é o 137, ele exclama. Não saio daqui mais com vida.’ Wolfgang Pauli morre dez dias depois.”³⁴

³⁴ HÜRTER, obra citada, pág. 252.

IV

Discursos

ALLENDER BARRETO LIMA DA SILVA

Excelentíssimo Senhor Procurador-Geral de Justiça, Jarbas Soares Júnior, a mineiridade no trato, a amplitude do olhar e a pujança do agir de Vossa Excelência descortinam um novo tempo ao Ministério Público e ao povo mineiro. A apatia e a tibieza de outrora dão lugar agora à ação dinâmica, corajosa e alvissareira, posturas que a sociedade espera de uma das instituições mais arrojadas desse país: o Ministério Público.

O velho Ulysses Guimarães, na contundência e poesia do discurso inaugural da nova ordem democrática, em 05/10/1988, proclamou a coragem como a primeira marca característica da Constituição. Disse o Senhor Diretas: “*A coragem é a matéria-prima da civilização. Sem ela, o dever e as instituições perecem. Sem a coragem, as demais virtudes sucumbem na hora do perigo. Sem ela, não haveria a cruz, nem os evangelhos.*” Para além de Cidadã – muitos esquecem, Senhor Procurador-Geral – o velho Ulysses denominou o Texto Fundante da nação como a Constituição-Coragem.

Excelentíssimo Senhor Procurador-Geral de Justiça, compartilhamos da mesma paixão pelo Sertão e por Guimarães Rosa. E foi pela boca do jagunço-poeta Riobaldo que Rosa, dentre tantas outras lições, nos ensinou que, no fim das contas, o que a vida quer da gente é coragem.

O Ministério Público é vida pulsante. Sem coragem, o Ministério Público perece. E é com coragem que Vossa Excelência revigora a instituição e reposiciona o Ministério Público de Minas Gerais na Luta Antirracista, erigindo o tema de enfrentamento ao

preconceito como prioritário para o Ministério Público de Minas Gerais ao criar a Coordenadoria Estadual De Combate ao Racismo e todas as Outras Formas de Discriminação (CCRAD).

A Coordenadoria de Combate ao Racismo e Todas as Outras Formas de Discriminação (CCRAD) tem por finalidade o enfrentamento do racismo estrutural e todas as discriminações contra minorias através da interlocução e articulação entre os(as) Promotores(as) de Justiça, instituições públicas e sociedade civil organizada, para implementação de políticas afirmativas de igualdade racial e de promoção da diversidade, bem como de enfrentamento às discriminações étnico-raciais ou de gênero e orientação sexual.

O racismo institucional do sistema de justiça brasileiro foi reconhecido pela Corte Interamericana de Direitos Humanos, no bojo do relatório 66/06, caso Simone André Diniz.

Do racismo institucional, **que nega ou procura minimizar as violações e naturaliza a situação de desigualdade**, segundo consta do mencionado Relatório, resulta uma discriminação indireta, muito mais perniciosa que os insultos raciais em si, pois é uma prática estatal que “impede o reconhecimento do direito de um cidadão negro de não ser discriminado e o gozo e o exercício do direito desse mesmo cidadão de aceder à justiça para ver reparada a violação”, causando um impacto negativo, de natureza dissuasória e duradoura, na população negra.

Ao reconhecer o racismo estrutural, no bojo da Resolução N°05/2021 da PGJ, e criar mecanismos para enfrentá-lo é de coragem que falo, Senhor Procurador-Geral. E não poderia se esperar nada diferente de um Procurador-Geral barranqueiro do São Francisco.

Coragem, também, em confiar esta pasta sensível e novidadeira a um jovem promotor que nunca titubeou em se posicionar

a favor dos mais vulneráveis. Cumprir as leis e a Constituição é meu dever institucional; estar ao lado dos que mais precisam é meu compromisso existencial. Se um dia me escapar a esse compromisso, tornar-me-ei um ser inautêntico: o nada.

Retomo o velho Ulysses para dizer que a Constituição-Coragem, a Constituição-Movimento, a Constituição-Transformação rompeu contra o establishment, investiu contra a inércia e desafiou tabus. Essa Constituição que reconhece o abismo social brasileiro, enfrenta o racismo e a violência de gênero e protege os povos tradicionais contra o arbítrio do Estado e do poder econômico dá à luz a um novo Ministério Público que tem como missão, agora, dar cabo aos próprios objetivos da República. Daí se dizer que os objetivos institucionais do Ministério Público se confundem com os objetivos da República.

A coragem, o destemor e o arrojo, Excelências!, estão no DNA do Ministério Público.

Aqui – não há negar, Senhor Procurador-Geral – há um encontro entre o espírito desbravador que move o Ministério Público e a perspectiva altaneira e destemida que Vossa Excelência sempre imprimiu às suas gestões. Dentre tantas conquistas no campo dos direitos humanos em suas gestões, ressalto o pioneirismo na criação das Coordenadorias de Defesa do Meio Ambiente em sintonia com as bacias hidrográficas do Estado, reconhecida nacional e internacionalmente como prática inovadora e eficaz na tutela ambiental. É também marca de sua gestão a criação do Centro de Apoio Operacional de Direitos Humanos, Controle Externo da Atividade Policial e Apoio Comunitário. O gérmen da CIMOS (Coordenadoria de Inclusão e Mobilização Sociais) está nas suas gestões, quando Vossa Excelência perambulou por todos os quadrantes do Estado realizando escutas sociais. A primeira Promotoria da Mulher do país tem a sua assinatura.

Quando ocupou o cargo de Conselheiro Nacional do Ministério Público, criou a Comissão de Defesa dos Direitos Fundamentais, hoje a Comissão mais pujante do CNMP.

Segundo Platão, *coragem é ser coerente com seus princípios a despeito do prazer e da dor*. De volta à chefia do Ministério Público de Minas Gerais, em tempos sombrios em que, para além da naturalização do racismo e da homotransfobia, vozes insanas agora negam práticas discriminatórias, e Vossa Excelência tem a racionalidade e ousadia de criar a Coordenadoria de Combate ao Racismo e Todas as Outras Formas de Discriminação.

Em seu discurso de posse como Procurador-Geral de Justiça do Ministério Público de Minas Gerais, após votação histórica da classe, assentida pelo Governador do Estado Romeu Zema, Vossa Excelência comprometeu o seu mandato ao combate implacável da corrupção. E assim deve ser. Aos larápios e dilapidadores do patrimônio público, o Ministério Público deve buscar a responsabilização adequada. Tornar efetivo o epíteto Constituição-Fiscalizadora é nosso dever.

Lembro, uma vez mais, o velho Ulysses, em seu discurso histórico: *A corrupção é o cupim da República. República suja pela corrupção impune tomba nas mãos de demagogos, que, a pretexto de salvá-la, a tiranizam. Não roubar, não deixar roubar, pôr na cadeia quem roube, eis o primeiro mandamento da moral pública*.

Pois bem, senhoras e senhores, colegas do Ministério Público.

O Racismo é corrupção. É uma deformação moral da branquitude, estruturada política e socialmente, para a exclusão daquele que foi compreendido como outro. O Racismo é uma problemática branca, provoca a teórica Grada Kilomba. Nas palavras da filósofa Djamila Ribeiro, até serem homogeneizados pelo processo colonial, os povos negros existiam como etnias, cultu-

ras e idiomas diversos – isso até serem tratados como “o Negro”. Tal categoria foi criada em um processo de discriminação que visava ao tratamento de seres humanos como mercadoria. Portanto, o racismo foi inventado pela branquitude, que como criadora deve se responsabilizar por ele. Para além de se entender como privilegiado, o branco deve ter atitudes antirracistas. Continua Djamila Ribeiro, não se trata de se sentir culpado por ser branco: a questão é se responsabilizar. Diferente a culpa que leva a inércia, a responsabilidade leva a ação. Eis o gesto importante do Ministério Público de Minas Gerais: a criação de uma Coordenadoria especializada no enfrentamento da discriminação.

Lembro-me, agora, de uma passagem da teórica Joice Berth que diz: “Não me descobri negra, fui acusada de sê-la”.

Utilizando de uma sentença do filósofo franco-argelino Frantz Fanon no clássico “Pele Negra, Máscaras Brancas” que diz “O que é frequentemente chamado de Alma Negra é uma construção do homem branco”, Grada Kilomba relembra *que não é sujeito negro que estamos lidando, mas com as fantasias brancas sobre o que a negritude deveria ser. Segue dizendo: Ele, o branco, espera pela negra ou negro selvagem, pela negra ou negro bárbaro, por serviçais negras, por negras prostitutas, putas e cortesãs, por negros e negras criminosos, assassinos e traficantes. Ele espera por aquilo que ele não é. Poderíamos dizer que no mundo conceitual branco é como se o inconsciente coletivo das pessoas negras fosse pré-programado para a alienação, decepção e trauma psíquico, uma vez que as imagens da negritude às quais somos confrontados não são nada realistas, tampouco gratificantes. Que alienação ser-se forçado a identificar-se com heróis, que aparecem como brancos, e rejeitar os inimigos, que aparecem como negros.*

Nas palavras do filósofo do direito Sílvio Almeida, *o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo*

“normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção.

Por isso, senhoras e senhores, colegas do Ministério Público, é impossível não ser racista tendo sido criado numa sociedade racista. É algo que está em nós e contra o que devemos lutar sempre.

Enquanto houver racismo, não haverá democracia.

A democracia, no plano jurídico-formal, é uma conquista que não permite sequer um passo atrás. Sou filho da resistência à ditadura nesse país, nesse Estado! Sua Excelência, o Conselheiro Durval sabe do que estou falando.

Porém, há muito a caminhar, porque democracia, de verdade, acontece no *mundo da vida*. Falo de Democracia Substantiva, de conteúdo, fática, essa que nós cidadãos e as instituições somos devedores. Entendo, assim, que o enfrentamento do racismo torna-se crucial para a democracia.

O Atlas da Violência de 2020, que apresenta tópico específico acerca da violência contra pessoas negras, aponta que:

– “Apenas em 2018, para citar o exemplo mais recente, os negros (soma de pretos e pardos, segundo classificação do IBGE) representaram 75,7% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 37,8. Comparativamente, entre os não negros (soma de brancos, amarelos e indígenas) a taxa foi de 13,9, o que significa que, para cada indivíduo não negro morto em 2018, 2,7 negros foram mortos. Da mesma forma, as mulheres negras representaram 68% do total das mulheres assassinadas no Brasil, com uma taxa de mortalidade por 100 mil habitantes de 5,2, quase o dobro quando comparada à das mulheres não negras.”

É a NECROPOLÍTICA anunciada por um dos mais agudos pensadores da atualidade, o filósofo camaronês Achille Mbembe. Há uma passagem da obra NECROPOLÍTICA de Achille Mbembe que me chama muito atenção. Segundo Mbembe, a condição de escravo resulta de uma tripla perda: perda de um lar; perda de direitos sobre seu corpo; e perda de estatuto político. Essa tripla perda equivale a uma dominação absoluta, uma alienação de nascença e uma morte social (que é a expulsão fora da humanidade).

No tocante a população LGBTQIA+, o Atlas da Violência de 2020 indicou que a escassez dos indicadores de violência permanece sendo um empecilho, de modo que o próprio Atlas da Violência passou a incluir dados em desfavor de tal população apenas na edição de 2019. Assim, para análise, foram colhidos dados do Grupo Gay da Bahia, Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), do Disque 100, do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), e dos registros do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), do Ministério da Saúde.

Isso diz muito sobre a histórica naturalização da homotransfobia. A escassez de indicadores de violência contra LGBTQIA+ permanece um problema central. Um primeiro passo no sentido de resolvê-lo seria a inclusão de questões relativas a identidade de gênero e orientação sexual no recenseamento que se aproxima. Paralelamente, é essencial que essas variáveis se façam presentes nos registros de boletins de ocorrência, para que pessoas LGBTQIA+ estejam contempladas também pelas estatísticas geradas a partir do sistema de segurança pública.

O Atlas da Violência, desde a edição de 2019, indica a possibilidade de subnotificação dos casos de violência voltados à população LGBT, apesar da proximidade entre os dados captados

pelo Disque 100 e aqueles coletados pelas organizações da sociedade civil.

Mesmo diante de um cenário de possível subnotificação, pode-se afirmar que o Brasil é o país que mais mata a população LGBTQIA+ no mundo. Verifica-se que em 2020 o Brasil bateu recorde em assassinato de travestis e transexuais. Nunca se registrou tantos assassinatos de travestis e transexuais. Também aumentou o número de suicídios de travestis e transexuais. Antes da pandemia, 90% de travestis e transexuais estavam na prostituição e não tinham concluído o ensino médio. É preciso repisar o dado chocante segundo o qual a expectativa de vida de pessoas TRANS é de 35 anos de idade, devido à sua condição de hiper-vulnerabilidade.

O cenário é tenebroso e o desafio é enorme.

É assim. Como a norma é branca e cisheteroimperativa, tudo que difere é visto como o que não é bom. Finalizo repetindo. O enfrentamento do racismo e da homotransfobia é crucial para a democracia e não permite adiamento. E o Ministério Público de Minas Gerais, hoje, dá um passo importante na luta por efetivação de direitos.

Por fim, senhoras e senhores, encerro recitando um texto extraído da obra *Minha Formação*, do jurista-abolicionista Joaquim Nabuco, musicado por Caetano Veloso em *Noites do Norte*, que acusa a violência e as marcas da naturalização do racismo através da perversidade da expressão de um racismo dito cordial, que nada tem, porém, de afetivo. Diz Nabuco, pela música de Caetano: *A escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil. Ela espalhou por nossas vastas solidões uma grande suavidade; seu contato foi a primeira forma que recebeu a natureza virgem do país e foi a que ele guardou; ela povoou-o como se fosse uma religião natural e viva, com os seus*

mitos, suas legendas, seus encantamentos; insuflou-lhe sua alma infantil, suas tristezas sem pesar, suas lágrimas sem amargor, seu silêncio sem concentração, suas alegrias sem causa, sua felicidade sem dia seguinte... É ela o suspiro indefinível que exalam ao luar as nossas noites do norte.

SELMA MARIA RIBEIRO ARAUJO

*Vê formaram-se sobre todas as águas
todas as nuvens.
Os ventos virão de todos os nortes.
Os dilúvios caíram sobre os mundos.
Tu não morrerás.
Não há nuvens que te escureçam.
Não há ventos que te desfaçam.
Não há águas que te afoguem.
Tu és a própria nuvem.
O próprio vento.
A própria chuva sem fim...*

Cecília Meireles in cânticos

Prezados colegas empossados,

Nas vezes em que as encruzilhadas da vida se nos apresentam, sempre nos vêm algumas crenças, algumas formas de assentimento, que nos ajudam decidir a direção a ser tomada, o caminho a ser seguido.

Assim, a nossa vida vai-se desenrolando, de encruzilhada em encruzilhada, de profissão de fé em profissão de fé.

Precisamos crer para definir melhor a escolha. E há momentos em que a profissão de fé nos cabe, nós mesmo a proferimos e a confirmamos, se preciso for. “Os ventos virão de todos os nortes”. Nossa profissão de fé nos dá força para que esses ventos não nos tirem a direção. Não há ventos que nos desfaçam...

Quando decidimos por um amor, a justificativa é nossa fé nele, na possibilidade da compreensão compartilhada, e a crença no companheirismo possível; assim quando decidimos pela paternidade ou maternidade, também quando escolhemos a profissão. Só a partir de um credo é que nossas escolhas se firmam a ponto de qualquer arrependimento parecer-nos de difícil possibilidade ou, até mesmo, injustificável. “Os dilúvios caíram sobre os mundos. Tu não morrerás.”

Os que nos amam e nos acompanham pelas encruzilhadas da vida também professam sobre nós alguma fé. Crêem que seremos felizes, que somos felizes, que estamos escolhendo bem, que estamos realizados, que somos capazes e que merecemos o prêmio pelas conquistas obtidas. “Não há águas que te afoguem. Tu és a própria nuvem.”

Neste momento, em que vocês vêm fazer parte do nosso Ministério Público, tomando posse como Promotores e Promotoras de Justiça, numa profissão de fé, gostaríamos de registrar a crença que professamos a respeito de você:

Acreditamos e queremos acreditar que vocês são um acréscimo ao grupo de trabalho que alavanca a promoção da justiça social, porque tudo farão pelo bem comum, pela proteção e defesa dos que, por si só, não são capazes de gerir a vida de forma salutar; cremos que queremos crer que vocês serão éticos no trabalho que lhes competir realizar, porque a vida de vocês está pautada em princípios e valores nascidos na fonte de água viva a sabedoria do melhor fazer, do bem maior; cremos e queremos crer que, de agora em diante, e desde sempre, serão “sementes, muito mais que raízes”, que darão frutos bons e que encherão a terra de uma abundância nunca vista; cremos e queremos crer que, onde estiverem, há de haver um sinal visível de boa vontade, de trabalho empreendedor e de resultados profícuos, em benefícios da socie-

dade que estabelece seus representantes legais, a partir de critérios transparentes e respeitável; cremos e queremos crer que o Ministério Público está mais fortalecido com a chegada de vocês, sangue novo que, misturado ao que já circula nas veias da nossa Instituição, ajudará a promover a defesa da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais e individuais indisponíveis, na busca de uma ordem social mais justa; cremos e queremos crer que se juntam a nós jovens Promotores e Promotoras de Justiça idealistas, mas que não se deixam vencer pelas ideias somente, transformando-as em realizações, em compromissos e empreitadas concretas. Sonham, alimentando um sonho com a utopia de não se chegar nunca ao limite desejável, porque sempre mais se poderá fazer, sempre mais se poderá promover e deixar acontecer; cremos e queremos crer que vocês construirão junto conosco uma história edificada na serenidade na condução firme, serena e terna do bem comum; cremos - e certamente nunca duvidaremos disto - de que vocês estarão sintonizados com o perfil institucional, estabelecido para nós, que tanto podemos fazer para promover a paz social e a justiça no meio dos homens; cremos - e nunca queremos duvidar disto - que ninguém do nosso meio ousará confundir o poder pessoal com o poder institucional, denegrindo a confiança que nos foi dada por aqueles a quem servimos; cremos e queremos continuar crendo que vocês nunca se darão por completo e terminados. Porque aquele que se achar pronto certamente estará anulando seu maior talento, a capacidade de transcender, de ir além, de não se esgotar. Lembrem-se “sementes, muito mais que raízes”; cremos e queremos crer que vocês serão humildes para pedir ajuda quando precisarem, orientação quando estiverem confusos e que serão sempre benevolentes para com aqueles que ainda não aprenderam o suficiente, embora se achem senhores e donos de toda a verdade;

cremos e queremos crer que ter olhar compassivo para todo e qualquer ser humano que se apresentar diante de vocês, apesar de tudo e de toda ruína a que o caráter deste estiver submetido; cremos e queremos continuar crendo que a memória do Ministério Público nunca será destruída ou maculada por qualquer ato que venha a ser praticado por vocês; que nossa história seja cada vez mais digna do desafio que nos cabe enfrentar. Lembrem-se: “Tu és a própria nuvem. O próprio vento. A própria chuva sem fim”; cremos e queremos crer que se juntam a nós, a partir deste momento, novos e severos fiscais do cumprimento das leis de nosso país, defensores da verdade e da transparência de todo o ato praticado pela Administração Pública; e finalmente, cremos e gostaríamos de crer que a escolha profissional pelo Ministério Público não tenha sido apenas a busca da estabilidade de um emprego público com bom salário, de *status*, poder e autoridade decorrentes do cargo, uma, entre muitas opções que se apresentam para aqueles que concluem o curso de graduação em Direito, mas que a opção de vocês pelo Ministério Público tenha sido vocacionada, representando a concretização de um sonho e de um projeto de vida. Que o motivo que os levou a fazer esta escolha profissional seja, precipuamente, a prestação de serviços a toda a sociedade, em especial ao cidadão mais carente e sem condição de exercer os direitos indisponíveis, individuais e sociais, que lhe são inerentes a garantidos pela nossa Lei maior.

Saibam que estamos alegres com a chegada de vocês. Estamos esperançosos e confiantes, porque nosso credo é o mesmo: oferecer o que há de melhor em nós, confiar naquilo que podemos fazer com os instrumentos legais de que dispomos, e certos de que o nosso dever será exercido com prudência, pertinência e, mais que tudo, com justiça, honestidade e honradez.

Bem-vindos, caros colegas. Sintam-se em casa, porque, a partir de hoje, nossa casa é também de vocês.

V

Autores convidados

ANA GABRIELA BRITO MELO ROCHA

não desse jeito
nem agora
talvez depois do depois...
cuidaremos das pessoas amanhã
hoje manteremos a aparente coesão para o conforto de alguns
garantiremos o funcionamento da histórica máquina
de moer gente, sonhos, dignidade e vitalidade
não urge a escuta de vozes que escancaram o estado das coisas
prefere-se a segurança da permanência das ilhas e dos cacos
pontes demandam a inconveniência perigosa do movimento
nascem do desfazimento daquilo que sempre alimentou esta casa
silêncio, por favor

AO QUE NÃO MAIS EXISTE

ANA GABRIELA BRITO MELO ROCHA

nos (des)encontramos
senti que algo se partiu
algo partiu
tomou-me um alívio de luto
há certa melancolia em minha liberdade

ANA GABRIELA BRITO MELO ROCHA

no silêncio das máquinas entrecortado por bipes
a imagem do seu corpo magro, frágil e antigo me sacode
vulnerabilidade de titã
possibilidade de concretização de risco sabido
angústia de entrever um mundo a ser ainda compartilhado
implacável, a vida escorre
perguntas sequer elaboradas anseiam por respostas
ouço o medo ocultado pelo verbo incessante
nosso amor tem suculência de fruta madura
minha tristeza encontra o seu pavor
não queria o nosso conviver pautado pelas urgências
tenho uma fome imensa de coisas cotidianas

CONSOLO

ANA GABRIELA BRITO MELO ROCHA

a boca lida com um gosto amargo de luto
tínhamos o direito inalienável de sermos imensos
mas as palavras não ditas
as experiências evitadas
as portas desnecessariamente fechadas
os passos que, ariscos, não arriscamos...

a exaustão da busca por você, por outro nós, aniquilou o desejo
daí o substantivo luto ter substituído, sem luta, o verbo
na casa vasta e arejada do nosso encontro, nos alojamos no porão

morremos precocemente
asfixiados
encurralados
fixados

não resisto à morte de nós, meu bem
apenas choro por ter sido anemia em meio à vitalidade
pranteio pelo mundo que habitei em querer e não compartilhamos

o pragmatismo assassinou a beleza
sobrou essa revolta triste conformada

ANA GABRIELA BRITO MELO ROCHA

a Vida me convidou antes e, absorta no caos, não percebi
mesmo depois, quando o afeto disponibilizou tempo e cuidado
na euforia do carnaval, hesitei em abrir os braços

eu só conhecia a avidez pelo ausente e o
viciante protagonismo na desordem

como o jardineiro que molha a planta colocando a água no prato,
você respeitou a sensibilidade das minhas folhas

descobri que, para além da coragem de lutar,
tenho bravura para ficar

res-pi-ro

sou capaz de gestar o que desconheço

sus-pi-ro

experimento o sossego na segurança do nosso encontro

há um conforto suculento em caber
celebro o rebento da sua chegada: o meu parto de mim

NASCIDA EM 25 DE AGOSTO

ANA GABRIELA BRITO MELO ROCHA

teci da farda florido vestido
as botas deram lugar aos pés descalços
antes era luta e hoje sou dança
já não ouço, nem ordeno: “sentido!”
há mais sentido em convidar sentidos
findo o tempo de continências para continência
a rigidez do signo amoleceu no equilíbrio
entre o desejo e o tempo das coisas.

(RE)SOLUÇÃO

ANA GABRIELA BRITO MELO ROCHA

tornaria, nua, à confissão do meu querer
suporto o peso da frustração
intolerável é o ônus da espera indefinida
meu desejo demanda carne
deixo-te em meio à apatia bege
o morno fruto do teu medo e da tua rigidez

TRANSCENDÊNCIA NA IMANÊNCIA

ANA GABRIELA BRITO MELO ROCHA

Habitar o próprio corpo

deleitar-se com a permeabilidade da pele

descolonizar o desejo

reverenciar a inteligência do orgânico

viver na riqueza do e, fluindo no entre

apreciar a beleza das margens e das bordas

MARCUS PAULO QUEIROZ MACEDO

Hoje sou mulher, como nunca fora dantes. Não Afrodite, nem Capitu, nem ao menos Bovary: somente Eu mesma, macabea insólita e anônima em meio à multidão. Sinto aflorar em mim cada vez mais e sempre os desejos secretos da emoção, seja qual for.

Olho ao meu redor e paro por um instante: não me encontro. Devo escondida estar, face aos meus fantasmas. Não me sinto aqui nem ali, em nenhum lugar, de modo que, portanto, não devo existir. Contudo, aqui dentro, imensa a vontade da paixão e da existência presente.

Vivo a sonhar um melhor mundo, onde por certo me encontraria. Mas o que fácil vêm à mente, nem tão simples o é na realidade, maltratadora de cada quimera, ainda que simples anseio.

Nesse novo corpo, metamorfoseado, vejo a sutileza em matéria, aquela mesma que nunca prestara atenção em minha anterior vida. Transfigurado, finalmente exerço a beleza naturalmente bela desse ninho, a fragilidade dessa angústia, os sonhos jocosos.

Não quereria ser uma simples entidade física, porém também uma alma metafísica, global, totalizante. Desejaria tudo, sem almejar nada; tentaria o absoluto, visando o relativo; conseguiria pouco, o suficiente, sem gana para o excedente. Sou assim o homem-mulher da vida, o Orlando contra-ponto.

Sinto hodiernamente sensações insinuantes epicentralmente, o fálico invertido. Quero mais entrar, e sair, do que permanecer. Sou instável, inconstante, inquieta. Nada de dores, nem mel ou lágrimas; somente o próprio estado de ser, que prescinde a isso tudo e além mais.

Hoje não me preocupa, como dantes, falar e dominar, persuadir e conquistar: quero acontecer, inverter o globo, independente de sentidos. Deixar estar sem ser reacionária, pois a revolução a mim não pertence, e seu dono desconheço. Quero ficar aqui estática, sem olhar a banda. Quero fazer meu próprio concerto, clássico, eterno, duradouro, fomentador.

Inflamada, quero cada vez e sempre mais a vida dentro de mim. A vida pura, primitiva, nova. Sem rancor ou ódio, em sua essência. Quero-a vislumbrada e sentida, não esquecida.

Exaura-se o sentido, esqueça o pecado. Deixe precipitar os espasmos. Fórmulas matemáticas não explicam isso, que sempre acontece quando me transformo.

A cada mudança uma nova e mais bonita vida surge do interior, deslocando-se para fora. A viagem é lenta e gradual, e visa ao aprimoramento. O translate é interativo, e não isolado. A especificidade é momentânea, e às vezes nem existe.

Vivo a sonhar, sem esquecer que a vida é uma só, apenas dependendo do lado em que você não está, e que a cada minuto o casulo esclausura minha mente de forma desmedida e alentadora.

São Paulo, 14 de setembro de 1.996.

OS LEITÕEZINHOS BRANCOS

MARCUS PAULO QUEIROZ MACEDO

Para Gumercinda Carneiro de Queiroz

Quando o menino chorava
Ela o levava para as beiras do chiqueiro.

E ali lhe mostrava os recém nascidos porquinhos
Dizendo: “escolha o que quiser, meu querido netinho.”

E à criança, em seu lamento de luto paterno
Só restava tentar eleger o que não sabia e queria.

Então ela lhe cochichava: “escolha os branquinhos como você,
como as nuvens do céu em que seu papai agora mora.”

E assim a criança acolhia um pequeno porquinho branco,
Trocando a dor do infinito
Pelo calor e amor do colo de vó,
Que sorvia o lamento da sua alma
Como fosse o fel da serpente mais fatal e rara.

MARCUS PAULO QUEIROZ MACEDO

Lígia divertia-se muito com a severidade ignóbil e cega de seu pai.

Pobre Sérgio! Cria piamente ter dentro de casa uma moça escorreta e (pasmese) até virgem. Sim, mais virgem que a própria Virgem Maria. No entanto...

No entanto as coisas nem sempre são o que parecem ser.

Aquela adolescente linda, do alto de seus dezesseis anos, já tinha (muita) experiência de vida, inclusive de natureza sexual.

Posta ainda menina em colégio de freiras, foi ali mesmo que a menina perdeu-se (se acaso isso for perder-se).

É que lá também há, aos domingos, um certo padre, jovem, atencioso (sobretudo com as moçoilas) e também lindo. E este padrecão logo chamou a atenção de Lígia, garota muito prestativa.

Assim sendo, de princípio já se estabeleceu uma relação religiosa, por assim dizer, quando Lígia ainda estava na tenra idade de doze anos, e passou a assessorá-lo como coroinha nas missas dominicais.

A partir daí a relação foi ficando cada vez mais próxima: do altar para o confessionário, do confessionário para os amassos fortuitos e destes, muito em breve, para a cama.

O comportamento pudico de Lígia, portanto, aos dezesseis anos, sem nunca ter tido um namorado público, o que vinha de encontro com os anseios de seu ciumento pai, que queria ver sua filhinha criada na melhor tradição católica, tinha uma explicação, certamente bem diferente da cogitada por seu genitor.

É que ela tinha, sim, um namorado, a quem era absolutamente fiel.

Não que fosse por falta de pretendentes, já que, como dito, tratava-se de uma moça realmente muito bonita, o que chamava a atenção dos homens com quem convivia, ou de quem meramente a visse a andar na rua.

Alta, morena, esguia e com um longo cabelo liso, além de ser detentora de olhos verdes, o que lhe dava um charme todo especial, era cobiçada no ambiente que frequentava.

Não que seu Padre (assim o chamava) tivesse algum tipo de ciúme. Ao contrário, ele até a estimulava a arranjar algum namoradinho para dissipar qualquer dúvida eventual que pudesse surgir das cabeças maldosas que existem neste mundo, vasto mundo.

De se dizer, também, que possuía um belo corpo, torneado pelas horas diárias de academia, e um tanto pelas horas que deixava de frequentá-la para se dedicar a um esporte bem mais prazeroso – o amor, que também tem a capacidade de queimar diversas calorias.

E assim seguia o relacionamento, permeado por aulas de inglês, vôlei, espanhol e tudo mais que Lígia pudesse conceber, além das supostas visitas às amigas.

Nunca haviam deixado pistas, mais pela racionalidade impressionante de Padre João Paulo (era este seu nome), do que pelo comportamento estabelecido de Lígia, o que é de se compreender, pela sua parca idade.

Entretanto, como ela o amava por demais, e o venerava, sabia obedecê-lo, e passou a compreender que não podia faltar a todas as suas aulas em todos os dias da semana.

Sérgio era um pai realmente orgulhoso. Filha única, sua mãe morrera de câncer quando Lígia ainda era criança, e seu pai

nunca mais casou-se. Dedicou-se exclusivamente a sua filha e ao seu trabalho, o qual lhe tomava, por sinal, quase todo o tempo, o que certamente influenciava no seu desconhecimento dos fatos aqui narrados.

Regozijava-se em ter sempre consigo a filha, cedo em casa. Ela dificilmente saía. Quando muito, ia, supostamente, no shopping com suas amigas, para pegar um cineminha.

E que educação, que beleza... Todos os seus amigos o invejavam, e por isso ele gostava de fazer pequenas festas em sua casa, como forma de exibir-se. Mas Lígia detestava estas oportunidades, pois era privada de seu contato telefônico diário com o seu Padre.

Ela, como toda a adolescente que se preze, já tinha seu próprio celular. Então, habilitou nele uma segunda linha, canal mais seguro para se falarem, mas não muito, para não despertar a suspeita de Sérgio.

Quando este a flagrava ao telefone e perguntava quem era, ele sempre dizia que era a Gabriela, a sua melhor amiga. Aliás, esta, por sua vez, colega inseparável de Lígia de escola, tinha um grande segredo que só Lígia sabia: ela tinha um caso com um homem casado.

Também Gabriela sabia da vida dupla do Padre.

Portanto, era muito natural que ambas se acobertassem reciprocamente.

Desde a morte da mãe, Lígia nunca se sentira muito feliz, embora não tivesse dado grande trabalho a seu pai.

Entretanto, tudo mudou repentinamente quando entrou, na tarde de um certo domingo, na capela de seu colégio, muito a contragosto e acompanhada de seu pai, e viu, pela primeira vez, o Padre João Paulo.

Não era para menos, pois aquele homem possuía uma personalidade cativante. Exímio orador, tinha profundos conhecimentos bíblicos e era muito considerado naquela comunidade. Inclusive, passou a ser também confessor de Sérgio.

Certa dia, após o ato, enquanto Padre João Paulo dava um pequeno cochilo, para refazer-se, já que ainda deveria celebrar a missa das sete, Lígia, movida por uma curiosidade que nunca houvera tido, abriu a carteira dele, que estava por sobre a criado, ao lado da cama e descobriu, num recanto mais discreto, uma foto feminina. Atrás da mesa, estava escrito “da sempre sua, Gabriela”.

Então tudo se encaixava. O amante de Gabriela era ele! Como nunca suspeitara antes da forma como ela falava dele? Como pudera confiar-lhe seu segredo? Na certa, foi movida pela curiosidade despertada pelas suas confissões que Gabriela dele se aproximara.

E ali, num quarto de motel, com o homem de sua vida (até porque o único, ainda), morto, ensanguentado em cima de um lençol branco, ela sentia uma grave dor, mas não arrependimento, pois ele merecia seu destino – afinal, fora ele mesmo quem lhe ensinara, desde cedo, que não se deve pecar contra a castidade.

PATROCÍNIO:



A Multimarcas Consórcios é a única empresa mineira presente em todos os estados da federação.

Preço baixo e atendimento diferenciado é na Multimarcas Consórcios.

Multimarcas Consórcios, o seu consórcio multibrasileiro.

www.multimarcasconsorcios.com.br

APOIO:



Ser Sicoob JUS-MP é ter soluções para o que você precisar.

Abra a sua conta.

www.sicoob.com.br/web/sicoobjus-mp

I – POEMAS E SONETOS

Shirley Machado de Oliveira

A luz do chão
Minha mãe
Inércia

II – CONTOS, CRÔNICAS, “CAUSOS” E REFLEXÕES

Antônio Aurélio Santos

Dr. Sarabando e a loção maravilhosa
Nos velhos tempos da jovem guarda

Luiz Alberto de Almeida Magalhães

Só

Monica Sofia Pinto Henriques da Silva

O caso do canário – Uma releitura

Pablo Gran Cristóforo

Amigo
Cinquentei
Encontro na ladeira
Incertezas
Mil faces
Oração aos moços e moças do Ministério Público
Tempo feito pinguela
Vida de anjo

Selma Maria Ribeiro Araújo

Uma contradança

III – ENSAIOS E ARTIGOS HISTÓRICOS, LITERÁRIOS E MONOLOGOS

Allender Barreto Lima da Silva

Aline Bei
Elogio ao amor
Lavoura Arcaica
Noites Brancas
O sentido da vida
O velho graça

Duarte Bernardo Gomes

Ler os clássicos

Marcos Paulo de Souza Miranda

Breves traços biográficos de Francisco Pascoal de Araújo, o inesquecível poeta de Andrelândia

Uai, ué! De onde que o trem é? Possíveis origens de alguns falares mineiros

Um bravo mineiro na Guerra de Canudos

Vinicius Alcântara Galvão

Dois “velhos” argumentos sobre a existência de Deus

IV – DISCURSOS

Allender Barreto Lima da Silva

Discurso de posse da CCRAD - 02/03/2021

Selma Maria Ribeiro Araújo

Discurso aos colegas empossados

V – AUTORES CONVIDADOS

Ana Gabriela Brito Melo Rocha

Ad aeternum
Ao que não mais existe
Cardiovascular
Consolo
G – estação
Nascida em 25 de agosto
(Re)solução
Transcendência na imanência

Marcus Paulo Queiroz Macedo

A metamorfose
Os leitões brancos
Não pecar contra a castidade

PATROCÍNIO

Multimarcas
CONSÓRCIOS

APOIO

ISSN 2446-8177

